


ABC

Tríade poética



Roberto Flavio de Souza Acioli
Recife - Pernambuco - Brasil
Cel. (81) 98577-3865
betoacoli@gmail.com



André Anlub
Beto Acioli
Carlos Marcos Faustino

ABC

Tríade poética
1ª Edição

perse

São Paulo

2015

Editoração: PerSe
Diagramação: Beto Acioli
Fotos de capa e contracapa: André Anlub
Arte final: Beto Acioli
Revisão feita pelos autores

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, micro filmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal), com pena de prisão e multa, busca e apreensão e indenizações diversas (art. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Anlub, André

ABC : tríade poética / André Anlub, Beto Acioli, Carlos Marcos Faustino. -- 1. ed. -- São Paulo : PerSe, 2015.

ISBN 978-85-464-0118-5

1. Contos brasileiros 2. Poesia brasileira
I. Acioli, Beto. II. Faustino, Carlos Marcos.
III. Título.

15-10258

CDD-869.3
-869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3
2. Poesia : Literatura brasileira 869.1

SUMÁRIO

Agradecimentos 13

Prefácio (por Suzene Furtado) 15

André Anlub 17

Tarde de 26 de abril de 2015 18

Anéis de ouro branco 21

Letargia 22

Cantar pra subir 25

Concubino erudito 26

Águas do sul 27

Flor de lis, de lírio e lírico do Preto e da Branca 28

Nossos Litígios 31

Assumo (ou não) o assanho 32

Fim de tarde - Finitude - 7/5/2015 35

Perdido no espaço 37

Ser brioso e cozinheiro de banquetes 39

Dos bardos	40
Despedida (I – XII) (Crato/Itaipava).....	41
Releituras de mim.....	47
Tempo de ser flores	48
Releituras de mim ²	49
Releituras de mim ³	51
Releituras de mim (final)	53
Dos antolhos.....	54
Na saliva da vida.....	55
Asas de anjo ou dragão	57
A esperança me recebe de pé.....	58
Casa	59
Manhã de 12 de setembro de 2013	60
Das lágrimas	64
Enlace das almas	65
Seda pura na pele	66
Manhã de 24 de abril de 2015	67
Insone e insano no seno e cosseno do ser.....	68
No teatro da vida	69
Fulano da Silva, Sicrano Barbosa e Beltrano dos Santos	70
Concubino erudito (revanche).....	72

Beto Acioli

Vi o Nada	74
Entretantos	75
Lúgubre	77
Falso ouro	78
Descartes.....	79
Dos populares ditos.....	80
Lacunas	81
Rosário dos Pretos.....	82
Esquízo	84
Das querenças.....	85
Meu bom Amparo.....	86
Ardo por tí!.....	87
Amor suicida	88
Como Ló.....	89
Expurgo	90
Afins.....	91
Anúncio.....	92
Rupturas.....	93

Vulto	94
Bagatelas	95
Ancorado	96
Nada a dever	97
Questa	99
Meu real	101
Sertão de pedras	102
Amanhecer-se	103
Pó	104
Recife em mim	105
Ser mundo	107
Apocalíptico	108
Antropo(ilógico)	109
Mazela Social	111
Prece ao Sertão	112
Vã Glória	113
Encruzilhada	114
Das núpcias	115
Escuro	116
Sem você	117
Memórias	118

Corpo e alma.....	119
Deserto.....	120
Finito, intenso e eterno.....	121
Rosa.....	122

Carlos Marcos Faustino

Alforria.....	124
Algemas.....	125
Amar é isso.....	126
Amanhã é domingo.....	127
Amargura.....	128
Amigos.....	129
Amor de mãe.....	130
Amor infinito.....	131
Amor menino.....	132
Andanças no passado.....	133
Aniversário.....	134
Anjos ou vaga-lumes.....	135
Aos pedaços.....	136



Apocalipse	137
Apocalípticos sons	138
Apreço	139
Aquieta-te	140
Arranha céu	141
Arredores.....	142
As borboletas azuis	143
As pipas	144
Aves de verão	145
Baile das fadas	146
Cálice	149
Chuvisco.....	150
Cinzas e chuva	151
Doce recanto	152
Luz	153
Luminosidade	154
Mágica.....	155
Melodia.....	156
Meu violão	157
Minha terra	158
Meu Legado	159

Meus medos160

Nau errante161

Navegante162

Nos braços da noite163

Paralelos164

O Portal165

Sereia166

Resta-me um tempo167

Posfácio (por Rossana Fonseca)169

“

Que reste a poesia após o caos,
depois do juízo final,
depois do final do amor,
depois que o amor se for,
quando nada mais restar...
Depois que tudo se acabar,
que seja a poesia imortal.”

Beto Acioli

ABC – Tríade poética

Agradecimentos

Aos parceiros Anlub & Faustino:

Satisfeito e grato, entrego-me à celebração por mais um modesto feito.

Ainda muito longe do técnico, porém orgulhoso pelos primeiros passos, também mui consciente de alguns tropeços e falhas.

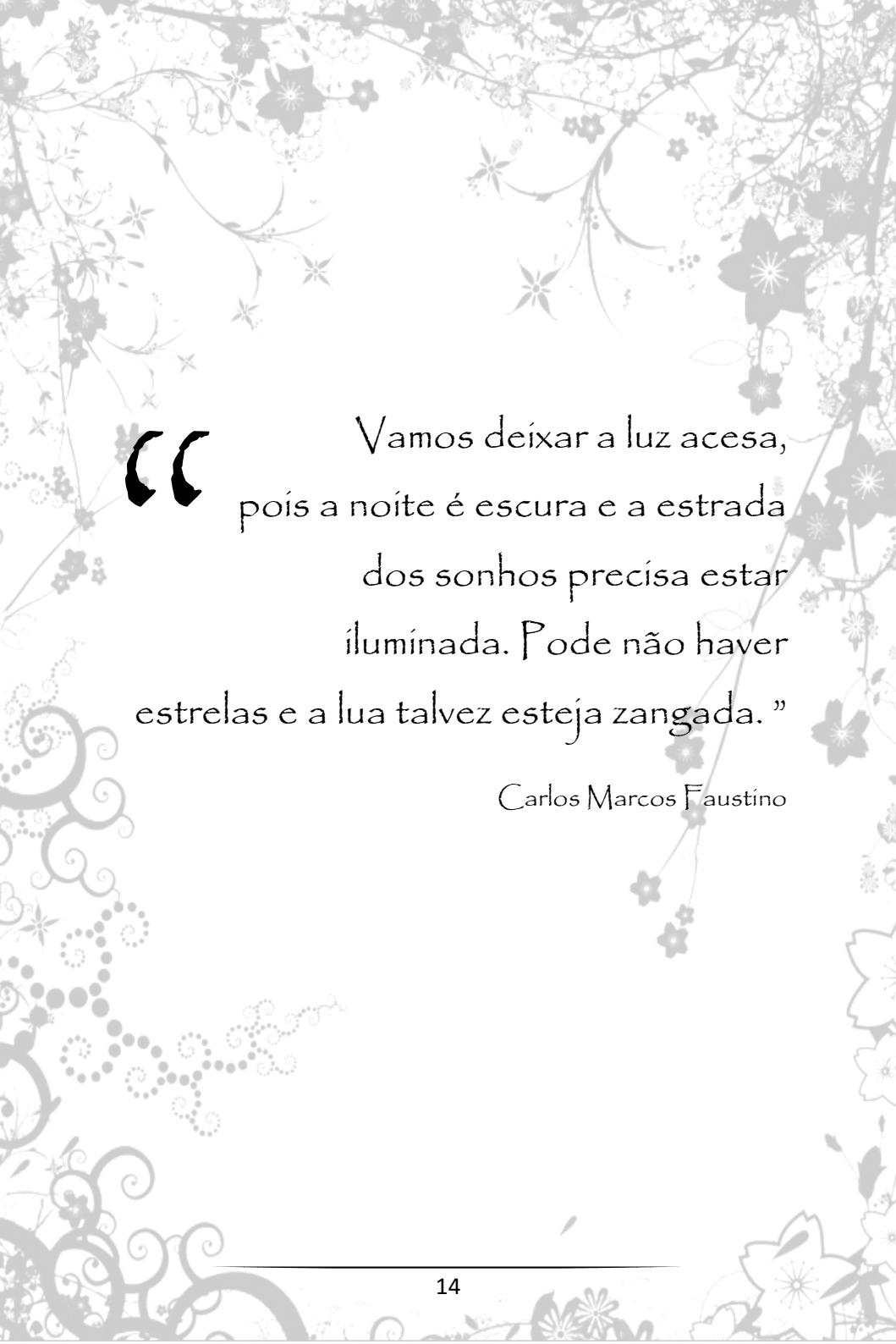
Perdoem-me os perfeccionistas por não seguir comuns trilhas, por não andar sobre os trilhos....

Com humildade, ousadia e afincos foi esse o melhor que eu pude d(o)ar de mim....

Ainda irrequieto, mas certo que os dias vindouros me presentearão com novas descobertas e delas, quero novamente, uma chance de partilhar.

A Suzene Furtado, Soninha Porto, Rossana Fonseca & Bia Cunha; a Thiago Porto (PerSe) e a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta obra, os meus mais sinceros agradecimentos.

Roberto Flavio de Souza Acioli



“
Vamos deixar a luz acesa,
pois a noite é escura e a estrada
dos sonhos precisa estar
iluminada. Pode não haver
estrelas e a lua talvez esteja zangada.”

Carlos Marcos Faustino

ABC - Tríade poética

Prefácio (por Suzene Furtado)

A dificuldade em prefaciá-la essa tríade pactuada em poesia reside no desafio que é ler e interpretar sem simultaneamente ler e interpretar ao outro e a si mesmo. Estou em apuros. O tempo urge. Entregar palavras, sem contratempos e a tempo, enquanto essas vivas que são teimam em seduzir-nos, é covardia... "luta mais vã" diria Drummond! O jogo da sedução pode durar horas, dias... resultar num escape total do controle das emoções. O meu caso é grave porque, desarmada, já cedi. E logo nas primeiras páginas. Não mais estou no controle. A culpa, em parte, é minha. Confesso. Menos pelo fato de não apresentar resistência que por acreditar (e nem assim precaver-me) no agouro de que devemos ter cuidado com o que desejamos porque corremos o risco de conseguir. Sempre desejei (e não conheço mulher com querer distinto...) penetrar o universo masculino sem ser notada; Afinal, tanto os homens desconhecem o que as mulheres querem, quanto estas ignoram o que eles pensam e sentem. Ousei então desejar, adquirindo o poder da invisibilidade, assentarme a uma roda de amigos, ouvir relatos do dia, piadas, troças... deslumbrar o momento em que o profundo substituisse o superficial. Assistiria ao despir de tudo o que se diz convencional e os veria como são íntimos e de peito aberto. Minha utopia seria ainda mais sublime se os homens fossem íntimos das palavras, capazes do amor e da entrega. Obtive mais. Os homens a roda que, imperceptível, percebi, não são apenas íntimos das palavras. São amantes da poesia. São poetas. Daí meu arrebatamento. Para compor um prefácio digno clamei pelas noites esperando uma resposta do Universo. Lutei contra o sono, contra a voz, contra o silêncio, contra

meus extremos. Sai de mim e deixei a mente passear pela fonte que já dessedentava, embriagava a alma. Bebi das mãos dos poetas a água mais pura. Aproximando-me do André, resolvi experimentar o barulho que solto no ar é capaz de soltar a alma. Ouvei Pink Floyd em volume não recomendável (com fones de ouvido, por ser boa vizinha...), li, reli, reli-me "de corpo nu em noite tão escura que nem as estrelas deram as caras". Mesmo sem lençóis de seda, senti a poesia "arrepiano a nuca e os braços" ... Deleitei-me e deixei cair minhas lágrimas... Talvez por ser incomodada pelo silêncio dentro e fora, é que li "todo o ainda indizível" e seguindo o pensar do Beto pus-me "contra ou a favor do vento", fazendo de qualquer tempo o meu tempo com coragem desmedida. Ouvei a voz do Carlos... "Aquietate, mantém-te silencioso e conectado. Inspira, expira lento com todo o cuidado; e assim, leve por dentro, iluminado estarás pronto pra transmitir teu recado." Inspiro. Expiro. Janela escancarada. Cheiro de chuva. Brisa úmida. E eu, inundada de poesia! O dia começa a clarear... Olho as provas da luta travada. No começo, busquei armas tradicionais. Espalhados sobre a cama, dicionários diversos definem o termo "tríade". Ah... nem se de versos fossem conseguiriam.... Na tela do computador: abas, links, likes.... Escrever exige pesquisa, mas as definições limitam o significado. Prefaciá-lo exige um caminho trilhado com passos firmes, mas.... Sinto muito. Literalmente. A culpa agora é dos poetas. Deram-me asas. Aqui, leve por dentro, iluminada, transmito o meu recado.

ABC – Tríade poética

André Anlub

É escritor, autodidata nas artes, se considera um entusiasta pela vida, um quase “poète maudit” e “bon vivant”. Autor de cinco livros: Poeteidésér de 2009 (edição do autor), a trilogia poética: Fulano da Silva, Sicrano Barbosa e Beltrano dos Santos, todos de 2014, e em março de 2015 lançou Puro Osso – duzentos escritos de paixão e o livro de duetos A Luz e o Diamante, todos pelo Clube de Autores. Como coautor participou em mais de 55 Antologias Poéticas em papel e mais de 20 em e-book. Imortal da Academia de Artes, Ciências e Letras de Iguaba Grande (RJ), membro Correspondente da Academia de Letras da Bahia, de São Paulo, Goiás e do Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Lisboa (PT). Medalha Personalidade 2013 pela Academia de Artes de Cabo Frio e Comenda Excelência e Qualidade 2014 pela Braslider. Artista Plástico com obra no Acervo Permanente do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Bahia. Elo Escritor da Elos Literários • membro da Assoc. Cultural Poemas à Flor da Pele (RS) • Bar do Escritor • Academia Virtual de Escritores Clandestinos • Técnico em Prótese Dentária formado pela SPDERJ.

Tarde de 26 de abril de 2015 (com esse bagulho que é o barulho)

O silêncio pega pelo pé, por isso sempre estou em companhia da música; tomei gosto por expor o que ouço ao escrever... É um toque, é um tique, é uma marca. Agora escuto “Poles Apart” do Pink Floyd, e com ela rabisco algumas ideias. O barulho, no ar, solto, solta minha alma. Mas tem que ser um bom barulho – o meu barulho –, e não precisa ser alto. Se não houver música volto-me ao barulho dos pássaros ou das ondas ou dos latidos ou dos gemidos ou da leitura que imerge no silêncio de todos os sons. Sou flexível aos sons naturais e sou extremamente austero aos sons do homem; chego a ser o chato que beira o caricato; chego a ser um pouco incoerente, pois sou o moderno de fones no ouvido que saem de um aparelho minúsculo com mais de duas mil músicas de outro século. Mentira! Há sons novos no repertório... Bem poucos, mas há.

Saindo do assunto: esse bagulho que faz um “barulho” bizarro que voa sem direção e aterrissa sem hora marcada; que toca no coração e na alma e (muitos dizem) na inspiração; que acende e queima em um cigarro ou em um cachimbo, sem ou com ritmo... E faz estrago, ou não – dá barato, ou não –, custa caro, ou não – pode custar vidas e causar mortes, ou não –, mas sempre cria muita polêmica e discussão. Mas é outro assunto, para outro dia, outra estação. Voltando ao assunto: peguei carona na leitura alheia que bateu na veia e tirou à teia e aticou a aranha a fazer

ABC – Tríade poética

outra, futuramente. Os versos me saem famintos e querem mergulhar no branco da folha ou na tela alva do computador, quiçá na orelha da amada, arrepiando a nuca e os braços, ou simplesmente ser falada ao vazio do ar. Esqueço que os meus versos querem navegar (mas metaforicamente) – pelo menos os meus; todos os meus escritos, versos e até desenhos voam (mas metaforicamente²), pois na verdade saem em um veleiro, em um barco atraente (mas metaforicamente³); às vezes pega um mar de calmária marmórea, sem brisa, sem onda, só aves que soltam sons baixíssimos e passam famintos dando mergulhos certos. Saem com aquele peixinho no bico e o sorriso implícito.

Mas outras vezes é um mar agitado, assombroso, terrível, com uma bela ilha ao fundo e um sol acanhado que aguardam a chegada das letras. Ando lendo muito (além do corriqueiro) e nesse período estou devorando: “Confesso que vivi”, o livro de uma amiga e Ana Hatherly... Fora as leituras digitais e de notícias. Acho que engessei um pouco a mão (apesar de estar há meses mergulhado em duetos com um grande poeta e amigo) e “desengessei” meu tempo comigo mesmo: estou orando mais (do meu jeito insano) e tentando aumentar minha constância na meditação; há tempos mudei de maneira drástica minha alimentação, focando o natural e comendo peixe e frutos do mar seis dias da semana; tem um ano e meio que venho correndo todos os dias (para ter direito a um dia de folga), sem escolher dias ou criar normas e horários, apenas o próprio tempo da corrida. O silêncio agora será quebrado pelo fim de tarde que chega e meu mergulho na piscina, uma cerveja sem álcool e um bom filme. Vamos atualizar os minutos, vamos fazer diminuta essa noite que chega rasgando – despedaçando meu

A decorative border of various flowers and vines surrounds the text. The flowers include large five-petaled blossoms, smaller star-shaped flowers, and clusters of tiny blossoms. The vines are thin and elegant, with some leaves and small circular motifs. The overall style is delicate and artistic.

tempo que foi devidamente aproveitado nesse domingo acabado,
nesse sol que se foi...

Amanhã já é nova semana e nova incidência da inspiração.

ABC – Tríade poética

Anéis de ouro branco

Teus anéis de ouro branco brilham como dourados,
De dureza feito ferro, redondos como o globo. Anéis como tu és,
valiosos – únicos; carregados com gosto, mas que ostentam a
penúria de serem vistos, terem utilidade... (postos no corpo)

Tu viajas e divagas, e devagar – ao vagar –, reages; és a teia da
aranha que abraça o todo: mundos, pessoas, desejos. Na
elegância de ensejos, encontras versos na ponta do lápis, e todos
tem dito: é bom ler-te, cada letra, cada frase, cada vício... A união
dos vocábulos em coito vivo. Está aí para quem quiser ver: jaz na
paz e no amor,

Saem do coração e derramam em delírio, em choro, em grito.
Dizem que a inspiração encontrou o fim: perdeu o ritmo, sem voz
no coro... Anjos não voam em sonhos, sem flechas – sem vestes
brancas, e ainda riam das caretas das carrancas. Talvez tenha
desgarrado a ovelha negra do rebanho, conseguindo a liberdade
– desfrutando do assanho. Gritaste que vidas são como famílias,
como aflitos; são alimentos: raízes, origens, sonoras águas, todos
rejuvenescem na realidade dos papiros... (postos na alma).

Letargia

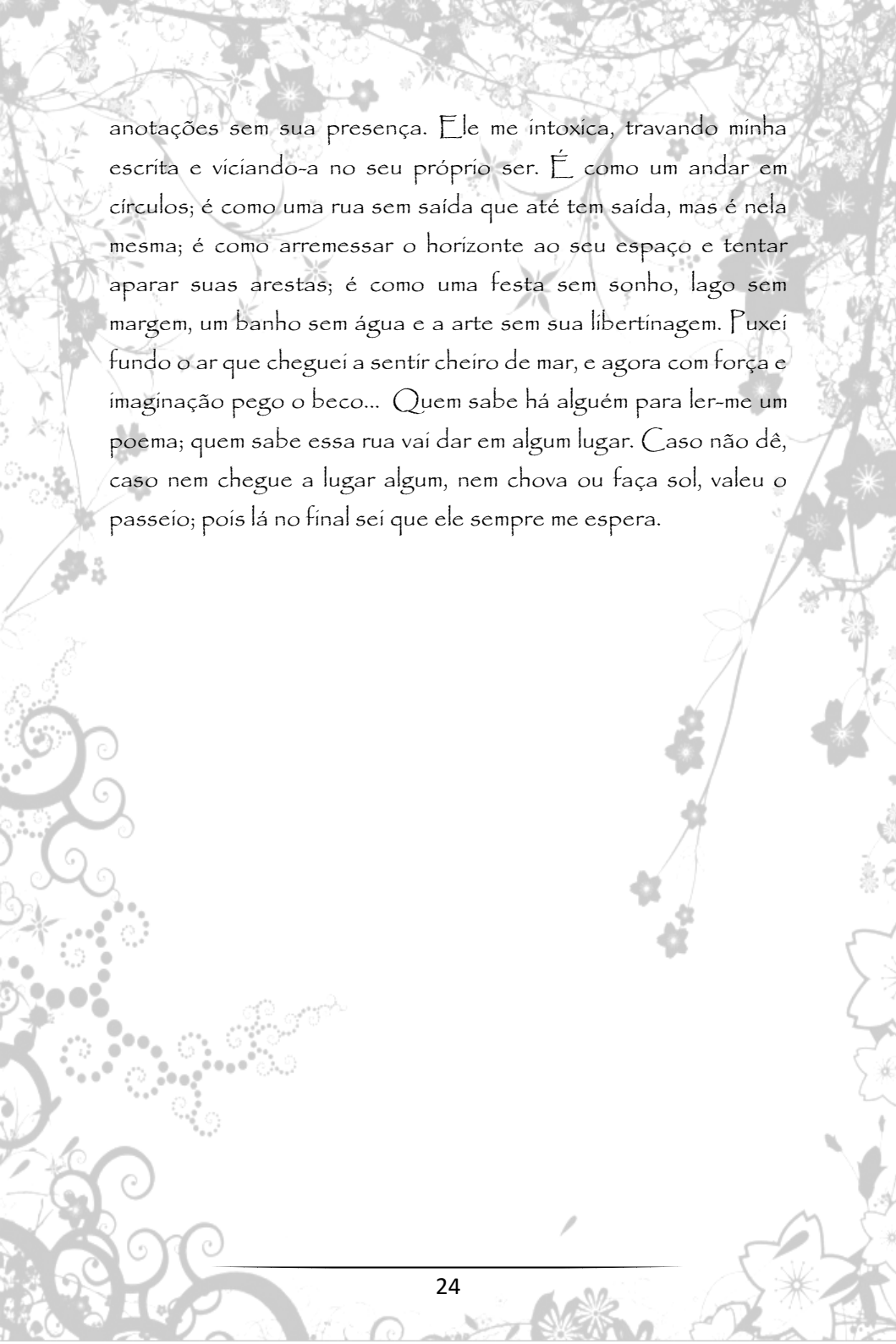
A depressão lhe caía ao corpo, lhe corroía as entranhas, doía todos os músculos, juntas e ossos, cegava os olhos e secava as artérias e veias; a depressão o fazia um tudo tardio e torto, era nua, vil e absoluta, era o toldo à chuva, era de tudo um nada e daquilo e daquele inquilino mais tosco e fosco, um todo; a depressão lhe subía senil do chão ao alvo que era o alto, bem no alto da ponta da cabeça; sugava-lhe o sangue, o suor, a saliva da boca, a seiva do sexo, e desbotava todos os brilhos, os bagos, os beijos até que escureçam; a depressão já chegou a tempo e lhe tapou os tímpanos com seu tampão tempestuoso; arrancava-lhe as pálpebras, os pelos e cabelos, desmascarava suas ilusões, seus enganos e seus festejos, o bolinava e brochava ao extremo, o fazia enfermo, ínfimo, verme, vesgo; a depressão podia até ter boa intenção, mas bem no fundo à esmo; era verduga, verruga e veneno. Mas e a garrafa? – A garrafa acabou e o copo secou. Não sobrou sequer um comprimido amigo, um som de piano, um ano pela frente, ou um enterro decente com carpídeiras e enchentes; nada... nem um pano sujo com éter ou clorofórmio... nada, nem os coliformes fecais sobreviveram... nada, nem a cola de sapateiro, nem o padeiro gritando: pão!; nem o leiteiro gritando: flor!; nem o mendigo pedindo esmola e nem a bola do guri João. O dia rasteiro veio à sua busca, dar-lhe um sorriso sem anistia e lhe cobrir com um manto negro e tão grosso que asfíxia... A noite vem chegando, mas não vai dar tempo de vê-la em vida, pois a sofreguidão é tamanha que lhe come a pouca e qualquer expectativa. É o fim do mundo: a depressão já fez outra vítima, endureceu a carne e enrijeceu a

ABC – Tríade poética

língua; a depressão abandona o corpo e voa sem sina na brisa...
Mas soa um aviso à redondeza: não fechem as janelas – não temam
as feridas.

Quem sabia o sentido da vida pegou o caminho contrário só para
se divertir

Ele pode discorrer à vontade; na verdade, até o sol raiar... Caso
queira! Ele pode ver o resultado de todos os meus pensamentos,
até os que ainda não tive. Pode fazer julgamentos e entreter-se
comigo, correr na minha frente nas minhas corridas triviais, chorar
ou rir das minhas palavras banais, e nos anais da minha assistência,
onde reside minha paciência... Me persuadir. Ele pode, mas não
faz; está cá e lá, foi a Noronha e nem me chamou. Safado!
Contou-me da onda batendo no rosto e no corpo, da água
gelada, da mulher de topless e o tempo mais que maravilhoso.
Fiquei com inveja, confesso. Fiquei com remorso de pela manhã
não ter aberto a gaiola da mente e deixado, pelo menos, ela ir com
ele. Assim me sinto inaudível, quase que aquela famosa gota no
oceano; mesmo assim tenho voz – pouca – mesmo que seja um
murmúrio... Pois tenho a mania de ter o sestro de ter o hábito –
moda – rotina de ter a impressão de que conhecê-lo foi minha
epifania. Vai ver foi... Vai ouvir foi... Vai cheirar foi... Vai tocar foi
e é. Já vejo as horas e as nuvens passando, e meu argumento
sobre ele, outrora colosso, agora vai se esvaindo em fumaça
inofensiva e inocente, misturando-se as nuvens e ao tempo, como
um breve sonho ou a suave, turva e inexata visão de um ébrio no
pico do efeito. Vá e vai logo, quero voltar ao meu bloco de



anotações sem sua presença. Ele me intoxica, travando minha escrita e viciando-a no seu próprio ser. É como um andar em círculos; é como uma rua sem saída que até tem saída, mas é nela mesma; é como arremessar o horizonte ao seu espaço e tentar aparar suas arestas; é como uma festa sem sonho, lago sem margem, um banho sem água e a arte sem sua libertinagem. Puxei fundo o ar que cheguei a sentir cheiro de mar, e agora com força e imaginação pego o beco... Quem sabe há alguém para ler-me um poema; quem sabe essa rua vai dar em algum lugar. Caso não dê, caso nem chegue a lugar algum, nem chova ou faça sol, valeu o passeio; pois lá no final sei que ele sempre me espera.

ABC - Tríade poética

Cantar pra subir

- Não tenho vergonha de dizer, que muito antes de ser moda, a nossa turma de rua fazia suas sobranceiras.... Eu, por exemplo, tenho seis pontos na da esquerda e cinco na da direita!

Da boca só se ouvia aquele timbre suave que soava na nuvem fazendo canção.

O sol sorria rasteiro e olhava cabreiro certo campeiro de cabeleira rastafári.

Chegaram o broto de feijão e o camarão, trouxeram a tatuagem da maresia na pele e a santa festa "al mare".

No horizonte o vermelho entre dois apreciáveis coqueiros que formavam aquele meu e seu (nosso) coração.

Talvez no mundo haja muito de injusto acontecendo, mas naquele momento, ali, só festejos; nada de ser herói tampouco bandido...

Das bocas agora, ao sol e a sós, só o estalar dos beijos.

A vida estava tão boa que aproveitando a garoa todos se desnudaram vestidos.

Eram confissões de pecados insurgentes, pensamentos e elos perdidos, eram tantos caracteres maus e travestidos que há escassez de caracteres para escrevê-los.

Agora a felicidade foi ao extremo e conseguiu atenção...

Agora grita quem já foi pérfido: todos nus, todos nus... Será que posso?

A sensação de mais gengibre no quentão, o balão subindo com o silêncio a se esvaír.

Concubino erudito

Já foi de encontro com as duas mãos aos ombros, ensaiando um inolvidável beijo. Demonstrando assim ser o mais original.... Antes adormecido Vesúvio. Conquistador caro de curtas palavras afetuosas; minucioso no andar e no faro, pretensão volúvel. E o mal... Serpente que persevera, sempre há tempo que abunda. O veneno que fica à pampa na sombra e na sobra do mais novo ovo de cobra. Desequilíbrio patológico espalhando suas crias nas cidades, nos bairros, nas ruas e vias. E o bem... Conquistador irrestrito, viu-se na acerba enrascada, preso ao amor puro e adequado, afogado em águas rasas... Tornou-se de gosto um concubino erudito.

Se a vida estiver em arquivo morto, a poesia faz reprise.

Águas do sul

Correm as águas nervosas e frias, delas, tuas e minhas, na prontidão da montanha. Descem céleres, loucas, carraspanas, que a tua a dele e a nossa menina bonita se banha.

Nas suntuosas curvas dos teus eixos levam e trazem histórias; despencam, esculpindo rochas, lixas de raça que movimentam os seixos.

Do céu são águas de eterno espelho – Se tem céu azul, dança o azul em ondas.

Do nascente ao ocaso, dá ao acaso (laranja, amarelo, vermelho) ao som de milongas.

Nasceu em águas apaixonantes (disse alguém) a poesia; num cenário emoldurado que consagrou a cria. – Entre cantos, entre tantos, por ironia... Este poeta de amor sofria.

Flor de líis, de lírio e lírico do Preto e da Branca (Poesia, persistência, persuasão e poda-se)

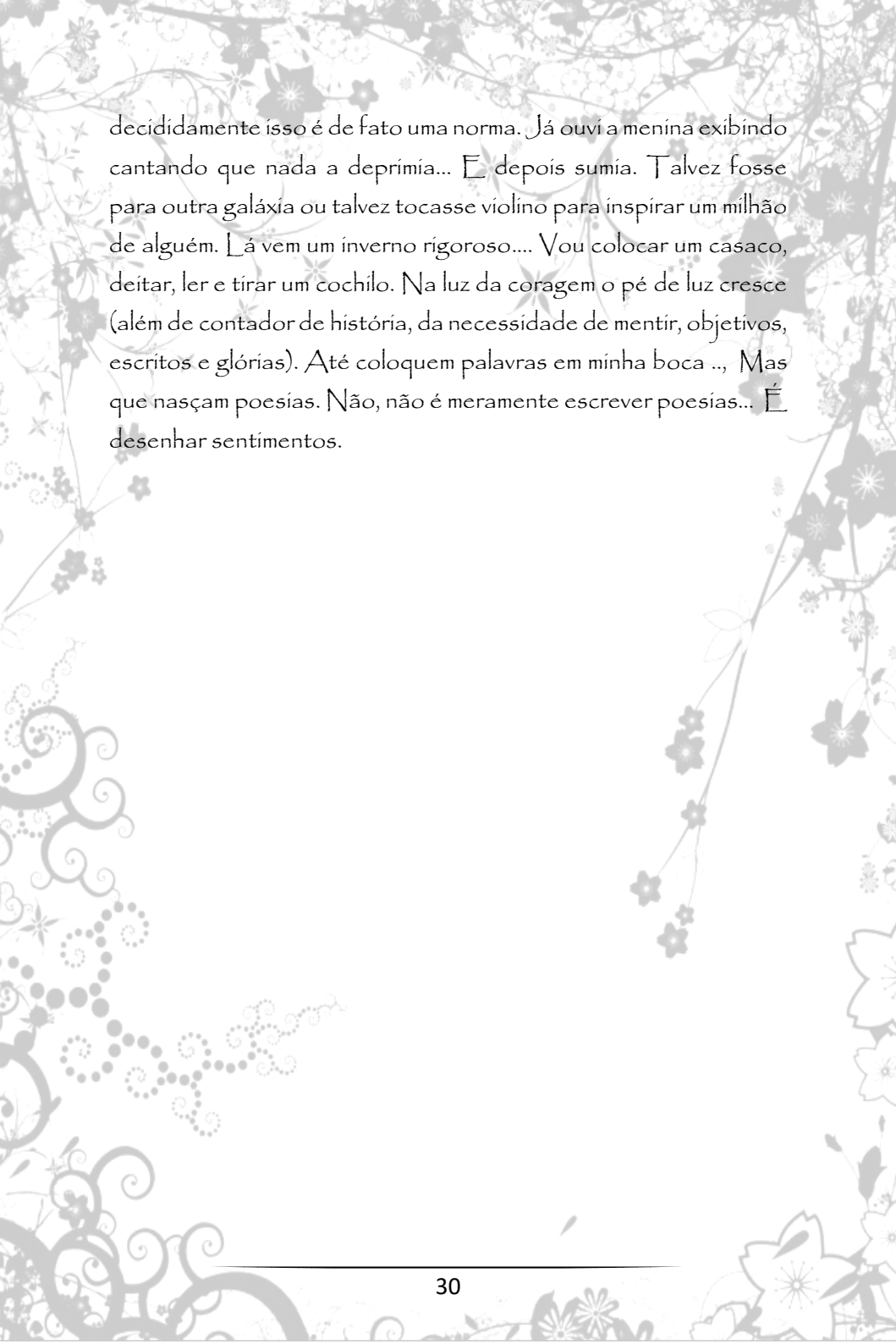
Garanto minha salubre e frágil presença no pensamento mais estranho que remete apressadamente ao pesadelo da minha pele plena pintada de branco. Minha flor bela, não escute os embebedados de alma, mendigos-uíques demagogos a Go Go. Ouve a cantoria, pássaros aos montes de entortar pescoços e acariciar ouvidos... São os esboços – diamantes – da nossa selvageria de amantes. Enxergo nada cego, envergo e expresso essa minha entrega em reflexos de uma pulcra lâmina cega. E de maneira sutil, tão viva e severamente tão simples, chego, sonho, cedo e transcendo ao corte seguinte. A doação que faz mistura – nossas cruas carnes nuas – fez contraste no arraste – na queima que é de praxe – do protocolo em leitura. Ah, minha branquinha, flor branquinha... Me aceite eternamente seu. Bebemos nas águas puras e impuras, mas com o coração nada errante e os olhos hiantes. E diante de tudo, em estado trepidante de paixão, peço-lhe que pegue o banco e a caipirinha e venha sentar-se ao meu lado e olhar a lua... (desnuda – noite – minha). Chegando do silêncio veio como tempestade e mordiscava minhas ideias... Lá vem ela! Essa bela, irritante e insistente luz que entra pela janela e me convida para sair e viver. Raul de Souza com seu trombone que tromba de modo majestoso e marcante, tocando, relaxando e deixando o corpo voando sem destino... Estou agora sereno para

ABC – Tríade poética

narrar o ocorrido: tirava os laços dos futuros presentes, mostrava o onipresente que ao botar pra fora os dentes, provava não ser um sonho, enfim. Ela, a Flor (não é Maria Flor, que pena. Mas está valendo) ... Nomeada como imperatriz de amores que ganha de súbito sua coroa, trono e sonho se aproximando do súdito com suas suntuosas flores. Ouço-a falar em público: o que seria mais certo – onde estaria o erro – qual a importância disso? A resposta vem com o ar fecundo, quebrando o coeso silêncio, queimando mil brancos lenços e prevendo o fim dos futuros lamentos; a resposta bateu de frente com seu cheiro de alfazema, com seu humor de hiena e sua adorável e inigualável interpretação eloquente. Na tela do cinema da esquina já se viu esse filme antigo de um multicolor lírico com tons de pura boemia. Sim, é poesia! faz crescer as flores e nasce nas flores crescidas.

Apoteose poética/divisor de águas.

Na sombra dos medos nasceu o pé de luz (meu pé de cabra arrombador de Eus). E o pé cresceu – se ergueu, ficou forte – criou porte, deu frutos, assim... Amadureceu a chave do mundo – a chave de tudo e futuro eternizado: chavão. Janelas se abrem; se abrem cortinas e vem o beijo do sol e vem penetrando o clarão. Mistérios nas nuvens, e obtusos e abstrusos e absortos. Abriram-se dentro de um aberto brilho no imaginativo castelo os portões. As notícias melhoraram com o céu lavado, o infinito ficou mais perto; ouço aquela menina me chamar para um drink no escuro, ou no inferno, “a la Tarantino”. Visões de queijos, vinhos – paladares de bocas e intestinos, tudo faz sentido de alguma forma. Há um gigante ou há um anão entre o rei e o umbigo,

A decorative border with floral and scrollwork patterns surrounds the text. The patterns include small flowers, larger blossoms, and intricate scroll designs in a light grey color.

decididamente isso é de fato uma norma. Já ouvi a menina exibindo cantando que nada a deprimia... E depois sumia. Talvez fosse para outra galáxia ou talvez tocasse violino para inspirar um milhão de alguém. Lá vem um inverno rigoroso.... Vou colocar um casaco, deitar, ler e tirar um cochilo. Na luz da coragem o pé de luz cresce (além de contador de história, da necessidade de mentir, objetivos, escritos e glórias). Até coloquem palavras em minha boca ..., Mas que nasçam poesias. Não, não é meramente escrever poesias... É desenhar sentimentos.

ABC - Tríade poética

Nossos Litígios

Pelos nossos próprios litígios
Tentei organizar nossas vidas,
Apagando insensatos vestígios
E acendendo e excedendo as saídas.

No doce ninho que mesmo em sonho,
Onde criamos rebanhos, rebentos,
Em águas límpidas que fazem o banho,
Depurando em epítome nossos momentos.

Amontoando em vocábulos incertos
Vejo e escrevo em linhas tortas, n'alma.
Optando por esse amor na justa calma,
Nas brigas que expulsam demônios e espectros.

Mas na sensatez do amor verdadeiro,
Vi-me lisonjeado por ser o primeiro...
O real, fiel e o ardente.
Sou o qual lhe agarra a unhas e dentes,
Sendo o mais perfeito da paixão mensageiro.

Mesmo se somassem todos os números e datas,
Secassem todas as águas do planeta,
Encharcando sua face que no ápice da tormenta,
Sempre responde com lisura imediata.


O ardor do âmago do seu ser acabou escrevendo minhas linhas,
nesse bem querer de minhas rínhas,
Só, e mesmo cego, posso lhe ver.

Assumo (ou não) o assanho

Rasga-me neste tempo mesmo, este tempo teu; mostre tua alegria de ter-me todo. Não, não é carência, é desenvoltura, é ser escravo da tua cultura, por querer ser feliz e amado. Pegue teu chicote, as nádegas esperam para queimar, pois o coração já queima. Abra minhas asas que há tempos escondo, encolho e ficaram no encalho; faça-me voar só para ti – ao teu encalço, ao teu malho. Assanho, assumo e ascendo e nada mais pode faz-me mal; assino embaixo para o assassino que me assente e encare a morte de frente. Quero envelhecer em frente a um grande e azul Mar de sal; não vou envenenar-me em frente ao grande e turvo Mar de gente. Sim é solidão, além do ‘solidinho’ e até desse sólido que eu lido e é só lido. Há material aqui: fiz armadura, fiz escudo, fiz espada, fiz garfo, faca, ponte e estrada e ainda sobrou para um imaginável e cômodo futuro. Sim é amor, e algo além mais, além-nuvem e céu, além Eu e além-vida; é algo além-morte. Chove chuva, somente só, sou só seu a seu serviço; retorna sem sacrifício ao céu das minhas quiméras, e leva sem doutrina, pois dou trela para que se atreva e leia aos deuses e deusas alguns poemas de Ana C. E caso o tempo dê – sem descaso – também leia alguns rabiscos meus.

Onda só – assaz bela, mas só

De quando em vez é melhor parar de pensar chatices. Na árvore da vida nunca se sabe qual galho segura o fruto, qual está podre e qual segura o fruto e se quebrará em podre. De qualquer maneira se deve adubar sem o adubo dúbio do mais fácil, trivial e raso. O abajur aceso ilumina meu conhecido bloquinho. E as sombras feitas na parede dos objetos que se mexem pelo vento do ventilador desafiam a imaginação. Taparam meus olhos para uma futura surpresa; desataram minhas mãos para os fatos do mundo. Ouvidos voam atrás de boa música e o corpo clama pela sobremesa. Agora não há tempo; não desisto nem do que desisti. Vivo remoendo vis charadas. Há tanta história dentro do prólogo que poderia até parar aqui. Mas vou além, o voo e lotes me aguardam nos vales querendo sociedade. A língua está solta como nunca, a mente tinindo de alegria, e a sensação de nunca ir dormir sozinho. Há mares e meu barco adentrando, meu doce mergulho e minha pescaria; não quero salgar demais o peixe – deixa-lo muito tempo à espera – só o necessário à língua. Meu amor/(a)mar, estou indo. O que será que acontece quando a aranha tece a melhor casa, a zona de conforto? O sono vem arriando, gancho mental de direita; agora é fugir do lógico e ir ao básico do orbe. Desligar o tri é bifásico. No mundo incógnito do ontem do amanhã do agora – ninguém é rico ou ferrado, pois não importa aos olhos de Deus que governa. Como não deveria importar nesse mundo aqui fora. Na pré-adolescência, durante e pós, fiz inúmeras amizades, percorria o RJ de camelo para cima/baixo, ia a diversas turmas de rua – Hilário, Constante,

A decorative border of various flowers and vines surrounds the text. The flowers include large five-petaled blossoms, smaller star-shaped flowers, and clusters of tiny blossoms. The vines are thin and delicate, with some leaves and small circular motifs. The overall style is elegant and artistic, typical of a book's endpaper or a decorative page.

Leme, Figueiredo, GEL, Ipanema, Arpex, Catete, Glória, Botafogo para trocar idéias, fazendo assim amizade com várias mentes pensantes de histórias e ideologias diferentes. Sou humilde no trato com os amigos e complexo comigo.

ABC – Tríade poética

Fim de tarde – Finitude – 7/5/2015

Taras, manias e projeções: trupe rebelde de pássaros perdidos. Eis o fato fictício do inexplicável improvisado; fez valer a música desafinada com voz quase nada dentro da canção elegida errada, mas em boa companhia. Abro a boemia com som de interrogação. Abro a mão e leio a linha da vida, sem contramão. Trago, mas não trago o que me viciou e vicia para bem perto de mim, bem ao meu alcance, quase extensão da ponta dos dedos. Não abuso – sequer uso. Cresce no quintal a árvore que enfeita a melancolia de dias obtusos e noites à revelia. Cheira no quintal o cheiro de mato verde ao cair da tarde e da chuva fina. Pinta no quintal o viveiro natural dos amigos de asas, parentes conexos da fértil mente. Não há nada tão belo e tão próximo a mim que meu simples sorriso ao vê-los. Admirar nada me cobra, me custa, mas faço questão de pagar crescendo minha estadia no mundo ocioso e belo. Lavo o corpo e vou-me ao encontro da garbosa era de reflexão – hora de meditar – de me editar – de me deleitar. Abro o frasco do colírio da mente: a própria. Deixo entrar bons fluídos, adágios harmônicos e harpas invisíveis e inaudíveis... Harpas simbólicas como pombas brancas que passam ao natural e trivial: bicando e comendo formigas. Há rebeldia singular que avança como uma nau em mar bravio; desbancando ondas gigantes, ondas de choque, ondas de frio; enfrentando dilúvios e níveis baixíssimos de cinismos; encarando chuvas de canivetes suíços e até paraguaios; enfrentando credices e incertezas, raios de todos os calibres, cores e prestezas, rei, realeza e seus servos, soldados,


lacaíos, plebeus e tiranos... Tudo de pior, mais ou menos e melhor que caiba nesse prófugo e insano parágrafo. Taras, manias e projeções.... Já falei do meu Budismo? Ouve-se o grito de Hades, cativo no limbo, jogando xadrez com si próprio: maldade sinistra. Olha a esmo, pisca, coça o nariz e chora. Uma foíce o assombra, e a sombra foi-se. Está em pesadelos, sem pé nem cabeça, nem pelos e na não salvação e não zelo – padeça. Surge um Eu diferente, e a sentença é derradeira; e na cachoeira da sorte o novo. Eu é a seca, é morte. Volto a ser brioso em demasiada compostura, poeta afetuoso sem um pingó de agrura; escrevo torto em linhas nuas, verve natural; sou vira-lata puro com o ostracismo de sombra que assombra o vento que bate... Vento de tumba, nem fecho a porta que bate (misantropo). Digo ao todo, a todos e a ninguém: poesia, persistência, persuasão e poda-se. Até coloquem palavras em minha boca... Mas que nasçam poesias.

Perdido no espaço

Viajo por entre galáxias,
Centelhas, centenas
De Estrelas cadentes
E buracos negros,
Na velocidade da luz.

Espelho-me em grandezas,
Aonde olhares se vão,
No infinito, no belo, bonito,
No fim de infindas certezas
Inclusas no tempo e na imaginação.

Contudo em disfarce me acho,
Me acabo, desfaço,
Perdido no espaço,
Sem pé nem cabeça
E com muita incerteza
De um ser que retorna
De volta ao chão.



Vejo-me inseguro, sem ano, sem hora,
Agouro e agora, tonto em perigo,
Meu próprio inimigo,
Poeira estelar em um eco obscuro,
Anéis de Saturno,
Construo um abrigo
Em um planeta vazio...
Sumo, amo, chamo de... Meu lar.

Ser brioso e cozinheiro de banquetes

Vejo o ser brioso de demasiada compostura, tipo poeta afetuosos sem um pingo de agrura; escreve torto em linhas nuas – inspiração ao natural – um vira-lata de pátria, cláusula pétrea e pura, com couro de ouro branco bruto e aquele toque de etecetera e tal. O ostracismo de sombra que assombra o vento que bate, deixando portas abertas, um cheiro de erva mate. Nada mau quando adentra o vivo vento de tumba, o personagem morto: múmia, letra e lua; faceta, surto absorto; tudo no contraponto de um Shakespeare atual. Vou degustar outros ares, novos mantras e músicas, devorar segredos e digerir o dom; vou esculpir o vão e redesenhar velhos mares, fazer da vida o folguedo num real sonho bom. Vejo o ser montanha russa, dando tapa na fuça da depressão; vejo a beleza em rubores de fúcsia, sendo cor ou sendo flor, é sempre adoração. Tema-me, pois perder a esperança não é bom! Há de se armar melhor; e não falo só de corpos camuflados, tampouco armas ou armaduras; a guerra é covarde e a vida é única. Ouço o grito de Hades encarcerado no limbo, jogando xadrez com si próprio e com sua maldade sinistra. Ele me sente e me olha, pisca, coça o nariz e chora; minha foíce o assombra, minha sombra já foi-se; estou em pesadelos, em gigantescas tempestades, na não salvação e não zelo. Sou presença e minha sentença é derradeira; na cachoeira da sorte, sou a seca sou a morte. Eis a salvação: chove chuva, somente só, sou só seu a seu serviço; retorna sem sacrifício aos céus das minhas quimeras e (me) (e) leva; sem doutrina dou trela para que se atreva e atrela, e leia aos deuses e

deusas poemas de Ana C; caso o tempo dê – sem descaso, leia alguns rabiscos meus. Então despeço-me...

Dos bardos

É pensante, mas sóbrio poeta insurgente; daqueles que anseiam tirar poesia de tudo; menos do que o toca no absoluto profundo...

Pois nele o mesmo é extremamente faltante.

Precisos são seus pontos, vírgulas e aspas; às vezes palavras ásperas que consternam o humilde.

Notória sincronia com o público que aclama; força em praça pública com linchamento e chamadas.

O bardo é liberdade – Ícaro que deu certo.... Sem normalidade, sem torto e sem reto. Equidistante do mundo mora no cerne da alma, e com doação e calma conquista os sinceros. Mas há poeta que grita abraçado ao berrante; só vê perfeição nos seus soberbos espelhos. Pois narciso é conciso e sem siso é errante...

Cai por terra, dúbio, e vê-se de joelhos.

Despedida (I – XII) (Crato/Itaipava)

De tudo que foi vulto, agora é muito o que é céu, e é seu, e é meu, que me cerca e cega – num todo! Caço tumulto, e acho, porém, não gosto mas finjo que gosto e me enrosco (chega a ser tosco). Vejo verdade e abraço; vejo regaço, trago no laço; procuro calmaria: amizade de João; desenho de Maria (um dia foi fosco) – num nada! De tudo que foi concreto, continua sendo, continua a sede da procura; achando miragem viu-se correto, beijou o insano, do assanho foi/é primário – aquele dia foi pouco – qualquer dia é pouco; vejo o que vejo, já basta; vejo o que resta do festejo; preparo asas para a travessia, e já que não podia, acabei não sendo (foi até muito) – nu tolo! Dia cheio, dia quente, dia rente, muita gente na frieza em Paris (qu'est-ce que c'est?), fanatismo, “marquetismo”, dedo em riste; bala, vala – boletim, infeliz. É cá e lá; é diz que não diz, é borogodó balangadã, é melhor inquietar o tantan. Aqui de repente à esperança, trem bala do tempo, o sol belo na varanda, cedro puro e o verniz. O coração faz cálculos no abracadabra das horas; lubrifiquei minhas dobras, ensopei minhas válvulas; beijos soltos na terra, céu e mar, afogando bem no fundo as intolerâncias; sou aquela ave que foge da gaiola e por dentro sai cantarolando Wild Horses dos Stones, mas pelo bico sai o canto mesmo; é aquele animal em extinção, que anda na lenha, no lema, na linha; aquele “ex-tiçãõ” que ganha lume; é tal que tem tal de compaixão e com paixão põe à mesa e na sobremesa assopra as quarenta e quatro velinhas. Somos um só, somos complementos: imaginação e momento, arco, flecha e arqueiro;

temos um amigo: o mundo; temos o reduto: a escrita; o vagabundo passa ser somente vago, e o hábito de conhecer a si mesmo é corriqueiro. O mundo canta ao toque da bateria, entra o ritmo em arritmia, então levanto e danço: “Mercy” de Dave Mathews; os pés se agitam e a mão trabalha no bloquinho: tinta, frase, crase, pinta – é a perturbadora calma-ria, você quer que ria, talvez chore; quer que implore, obrigue: algo seja feito (mesmo de fininho). “Prefiro Toddy ao tédio”; é punk, só que (infelizmente) não; é a tal perseguição do silêncio (stalker), que vem, silencia – vai, silencia; lá ao longe: avião. O mundo se cala ao toque do botão, fones de ouvido descansam: caneta freneticamente eletrizada, o papel é namorado, e a amante é “inspiração”: caneta é “bi”, é tri, é tetra, é triatleta; ligo “Mercy” de novo (misericórdia), Dave é unanimidade. “Bucolicozidade” – O sol parou de lascar o beijo quente no asfalto, fim de tarde, mais um dia; ônibus passa, crianças voltam a brincar de bola, roupas voam em varais e levam o cheiro do café e pão frescos; pessoas passam com sacolas e o bucólico torna-se culminante; viajo no espaço por um instante, meu corpo suado – estafado – planeado quase que atravessa o país; o cheiro da minha casa penetra o nariz: fina flor que invento para a comodidade. As pernas hoje pediram longa rua, queriam andar, ver novos caminhos; sons se repetem, horas ecoam sozinhas, o tempo estaciona e me açoita nas nádegas; meus olhos buscam novos rostos, tristes ou alegres, mas novos. Amanhã tomarei coragem e irei à luta, sair novamente, quero rua. A perpendicularidade do raciocínio chega a desafiar a gravidade; nem sei a gravidade desse desafio, prefiro distrair minhas ideias, escrever; amanhã é outro dia, nova sexta-feira, e o tempo vai ter

ABC - Tríade poética

que mexer e me mexer. Foi dada a pausa no ponteiro dos segundos, é aquela noção de congelamento; senti-me voando num céu de brigadeiro, vendo formigas da cidade grande.

O alerta foi dado ao público, nisso, nessa, nossa, “bola”; o amor pode estar parco, e não é desesperança, é realidade. Então façamos assim: mais afeto/abancar coragem, engraxar engrenagens, largar a flecha e o arco, pegar os rumos, pegar os remos e flores e abarcar e embarcar nos amores: “de quebra”, no majestoso barco. Tiraram a pausa do ponteiro, acabaram com o imbróglcio, vou por meus pés na estrada. (a vida é curta quando é corte; a vida é longa quando é logo). Sábado de sol, de sola de sapato sendo gasta pelos amigos que passam e se vão, ao longo da rua. Sábado de poesia; acordei escrevendo, depois li um pouco; agora escrevo novamente; voltando algumas horas no tempo: essa noite fez um frio de inverno, acordei na madrugada em posição fetal e com uma estalactite no nariz. “Eta ferro”, me meti no frio da Serra; frio que me serra os ossos e quase gela meu sangue. Foi por um triz. Voltando ao tempo atual: almoço pronto, deixo meu “boa tarde” ao moço que passa (mais solas gastas); barulho de maquina cortando algo completa o som que ouço aqui: qual música? Hoje deixarei à imaginação de quem lê. Indo adiante no tempo: em casa com os cães, meu salmão pronto, o mesmo som de agora, sol queimando a cachola, e ao tédio meu afronto. Preciso só imaginar e já sinto o cheiro de café, aquele fresco - novo - aquele meu; misturando-se ao perfume L’occitan que estou usando; vejo o céu limpo, ouço os cães distantes e os cães aqui também latem. Preciso só imaginar e já sinto o beijo... Ah, o som é Joni Mitchell, do disco Blue. Subiu a colina íngreme, audaz

cabrito montês, fez seu filme na bravura, desenhou nas pedras a astúcia, onde passou com os seus fortes cascos. Penso na vida assim: às vezes desafios sem nexos que buscamos por aventura, por comodidades, por boemias; às vezes desafios concisos, extremamente necessários. A cena se fez diante dos meus olhos, talvez na importância da minha história; o homem atrás de sua glória, fugindo dos terrenos fiascos.

Um mortal louco subiu a montanha mais alta; talvez para outros olhos seja pouco, talvez para outros poucos sejam olhos; A cena se desfez em um instante com o toque do telefone; agora a questão já é outra, pintar de rosa o elefante. Desceu a montanha mais alta, a imaginação passageira; de dia a luz não faz falta, de noite trouxe à luz a parteira. A vida é assim: de repente a batucada do Olodum; de repete um “pam” e tchau. Foi nesse pensamento antigo que começou a abraçar excessos, nessa sensação de trem expresso que já vai chegar, já está chegando. Usava como sombras a boemia, nostalgia e a arruaça. Ontem ele era um pouco doido, hoje continua sendo, apenas segue fazendo um pouco menos de alvoroço. Foi cachorro louco, daqueles que despontam nas esquinas, com alma de menino e pensamento torto. Hoje ele é mais ponderado, muito mais “na dele”; hoje segue na trilha de trem Maria Fumaça, sentindo na alma e na pele o que deixou no passado. A vida é assim: de repente acaba o repente, acaba o velho e o novo, acaba a sobra e acaba o ouro. É nesse estouro que se vai um corpo: casca de ovo no galinheiro de um Deus. Cobiçando a luz do sol que passou pela porta e me deu um sorriso. Fui correr atrás, fui ao encontro do calor; descí pela rua feito a bola da pelada de domingo. É a chuva? Também amo,

ABC – Tríade poética

clamo e quero; gosto da água batendo no corpo e no rosto; gosto do gosto, do cheiro e do aspecto. Vai deixar lembrança; vai deixar vontade de voltar, curto o zelo; assim quem sabe eu volto em outro tempo (há esperança), no lamento em saudade, no aumento das panças e cair dos cabelos. Pego novamente a espada (sempre fui eclético), sempre tive sorte; esqueço minha lança, deixo-a na estrada, mas só por empréstimo, deixo com São Jorge. (corpo e café – torrados e moídos) Hoje me sinto dentro da melodia “Rio quarenta graus”; mas quarenta só se for na sombra. A aura parece que quer deixar a carcaça e se perder na atmosfera; o sossego berra, a quietude é onipresente, mas “péra”... ouço o tilintar dos dentes, como se fossem lâminas de aço, saboreio a pera e o sumo resseca meus lábios. Meu lema para sair da lama é sorvete de limão e um chá verde gelado. Estão bebendo cafés quando esfriam, vi gente saindo pela rua, pelado. Agora a aura quer ficar no corpo, um bom banho gelado; ao alto as audaciosas asas de Ícaro, há tempos derretidas, agora aparecem em nuvens, desenhadas; vejo o futuro, não vejo sempre muito boa coisa; há decepção, sempre há; há ressurreição, tem que haver; há de aparecer alguma ligeira solução nas poesias sinceras despontadas. Sai da melodia, penetrei no sigilo, já são bem mais de meio dia; entrei entre as almofadas e sorri para a nostalgia. Quando busca a inovação encontra o aconchego, não tem medo, e o mergulho é de cabeça; na sinceridade da devoção pelas letras, na fé na escrita, na aflição esquecida, morta, afogada na tinta, mergulha... e de cabeça. Solve a arte, respira até pirar, come a arte, sente, brinca, briga e se esbalda; balde de água fria, quando ele quer que seja; balde de água quente, quando ele quer que

ferva. Na construção das linhas, ele sonha... é um gigante em solo de gigantes (é um ser igual). Nada é pequeno ou menos, mas ele é gigantesco; nada é estranho no pensamento sereno (a mente é sã). Criou algo mais do que o passo à frente, excedeu-se, ousou – usou e abusou; chegou a ser inconsequente... até achou que passou rente do perfeito (foi bem feito), pois assim tentará mais e mais, e irá tentar sempre; e aquele gigante, aquele ser igual? Foi para terras inóspitas e foi jogar novas sementes, agarrar novidades e desbravar castos campos.

É aquele cozinheiro? (sonhou e se levou) cozinhou pratos raros e fabricou azeites, adornou a mesa com belos enfeites, chamou parentes, chamou amigos, encarou os indigestos... assim tornou-se quase um guerreiro, escritor, amigo, artista, rico e mendigo, cozinheiro de banquetes, ritos e festas... tornou-se gente e verdadeiro.

ABC - Tríade poética

Releituras de mim

A realidade concorre com minhas vertentes, e elas céleres e insanas sempre chegam à frente. A tempestade não me assusta, e nem deveria! Já tive dias terríveis de sol.

Se algo me causa temor é perder a inspiração e alegria, quando o sol toca e aquece meu rosto; quando a água cai do céu no meu corpo.

A vida pode ser farpa entre unha e carne, um bambu que não quebra com o vento que varre ou estrelas que brigam com o raiar de um dia.

Acordei com uma lágrima.
No sonho bem claro o rosto,
De pronto sorriso me olhava.
Amigo de praias e farras,
Que o vento levou sem aviso,
Deixando a doce lembrança,
Momentos que não amarelam
E regam o verde singelo
Desse jardim da saudade.

Adversidades acontecem: muita luta e pouco caso.

Sensações se perdem: o rabo abana o cachorro

O choro do velho solitário.

Mas há de se ter esperança, no coloquial, na criança, nas palavras que amadurecem.

Tempo de ser flores

Camélias brancas que transbordam a paz, embelezam na alma os jardins de consensos. Das tolerâncias os incensos mais doces, afogando os rancores em um amor mais intenso. Na cadência das orquídeas, nas grandes janelas dos casarões, em estufas de barões ou arredores dos tugúrios. Flores... Entregam-se com beleza rara, fino odor imaculado, seda frágil, doce sina. Imponente desenho das tulipas, de seis pérolas em lindas pétalas – coloridos ímpares; nutre a inspiração dos poetas. Girassóis já remetem à arte do gênio singular dos pinceis, conduzem a pueril cor do singelo para o belo arco-íris de êxtase.

Releituras de mim²

O verde vivente evidente,
Fez nuance nos raios dourados do sol,
Que surgiam e sumiam
Ao bailar de folhas,
No cair de sementes,
Da jabuticabeira.

Relembro promessas, vi-me em outras épocas, remetido ao
passado - meu caminhar já caminhado.

Esperei te achar, por detrás dos arbustos, arbustos de pele no
cheiro de capim limão.

No núcleo de cada ideia há uma pequena, mas poderosa explosão.
Fico por aqui calado, mas digo por dentro: até amanhã. Seguro a
mão do meu guia, sinal de aceitação.

O que procuro? O que me falta? O que me farta? Em que me
incluo?


São animais indiscretos e contemplativos

Na mansidão imaginária e cada vez mais.

No hipotético paraíso na zona de conforto

Vai chegando, vai vivendo outros desafios...

Pés que não cansam de andar fora dos trilhos.

A decorative border of various flowers and vines surrounds the text. The flowers include large five-petaled blossoms and smaller, delicate ones. The vines are thin and winding, with some leaves and clusters of small flowers. The overall style is elegant and classic.

São animais de cegos charmes
E quase sempre atrapalhados.
Na obsessão que alguém os agarre,
Salvando-os do fortuíto afogamento,
Dos salgados e amargos mares.

Releituras de mim³

Falam de bailarinas,
De estrelas cadentes e flores.

Falam de amores,
De destinos, esquinhas,
Borboletas e odores.


Mas poucos falam do artista,
Em seu mergulho no meio,
Sem medo e sem freio,
Num oceano de caos.

E ao unir os extremos,
Teremos, sem pressa,
A composição de um poeta,
Que beija na cópula,
O corpo e a alma
Do bem e do mal.

Ficariamos a eternidade,
Ponderariamos em múltiplos dialetos:

Esperanto, mimica, outra louca,
Canto do anjos, sinais de fumaça,
Em puras línguas e raças,
Dos baldios ou espertos
Até além da imortalidade.

Mas salivas não seriam gastas à toa,
Expondo as qualidades extremas
Da força da inteligência,

A decorative border of various flowers and vines surrounds the text. The flowers include large five-petaled blossoms, smaller star-shaped flowers, and clusters of tiny blossoms. The vines are thin and elegant, with some leaves and small circular motifs. The overall style is delicate and artistic.

O poder do ventre e da cúa
Ecoando ao vento e ao sempre.
A voz que nunca é pendente,
Nesse momento presente
Agarra a unhas e dentes
O direito de expor ao planeta
O que das mulheres pertence.

ABC - Tríade poética

Releituras de mim (final)

Fotografei a vaidade
Na antiguidade saudosas
Num 35 mm
Revelo o verso e prosa.
Fiz foco no amor verdadeiro
Fiz macro nos pequenos detalhes
Vendo na semente uma rosa
E na gota d'água meus mares.

Fotografei a vida nova,
Mas dessa vez no digital.
São conquistas, são presságios
Os naufrágios de uma nau.
Com a exposição mais longa
Sem delongas de uma prosa.
No contraste se comprova
Que a nossa bossa nova
Mistura-se ao rock clássico
É fantástico, abre a roda.

A gente pode até se divertir nesse mundinho mundano, imundo,
ineficaz e efêmero da vaidade.

Tenho a parcimônia de quem cultivava passiflora e a doce
monotonia de quem transpira melatonina.

Vi minha vida indo embora enquanto esperava o café passar pelo coador.

Administra-se o bom humor porta afora para que sobre ao retorno porta adentro.

Dos antolhos

Quero um apropriado escudo Celta, pois há lanças voando sem rumo, almejando ébrias mentes sem prumo, mas por acidente a mesma me acerta.

Quero o melhor dos virgens azeites, pois nas saladas só tem abobrinhas, na disparidade de várias cozinhas, todos adotam a mesma receita.

Quero ver e ler o que outros registram, sem antolhos nem cínica mordança, sem caroço impelido na garganta, faz o engasgo que mata na empáfia.

Mas não só quero como também ofereço, meus singelos poemas com terno adereço, e com pachorra e olhos modestos, vê-se admirável o que era obsoleto.

ABC - Tríade poética

Na saliva da vida

Sem rumo, faz do instinto sua bússola.

Anda com a cara e a coragem

Não mata um leão por dia

Mas encara a besta macabra.

É dono dos prós e contras

Um pé na frente e outro atrás

Constrói seus moinhos de vento

Ao som de um clássico do Jazz.

A cada lua minguante

Pinta um cômodo da casa

E rega o jardim das camélias

Que vibram nas águas dançantes.

O cachorro deitado num canto

E o canto dos pássaros belos

O pica-pau e o trinca-ferro

O bem-te-ví e um melro

Dão mais vida ao montante.

O voo da tranquilidade

Num céu azul de espaço

Abraço da vida em liberdade

É o beijo na sede no riacho.

Não mais submerso em vil fachada
Brinda os versos da mãe natureza
Em aquarelas muito além das janelas
Que atravessa seguindo as pegadas.

Agora, não são mais quimeras
Novas paixões o esperam
Sem sonho, sem pouco, sem mera
Nas mil opções de chegadas.

Por debaixo da seda você me seda... Brinca de ser a pura, e, em apuros, me cedo.

As emoções são rústicos vigias, que transitam pelas alamedas vazias, passando pelos tugúrios de pedras com suas luminosas lamparinas. O lume dos candeeiros divide com o vigia e o amor, por dentro dos muitos nevoeiros, todo seu sincero fulgor.

Asas de anjo ou dragão

Vejam só os dois olhinhos, sinceros, impávidos, carregando a expressão das brasas dos entusiasmos. O mundo deles também anda agitado e ainda mais quando estão juntos; são avejões diversos... No advérbio adjunto do anseio disponível no plasmático vulcânico... Fundiram os neurônios e os versos. Não há relógio no “slow motion”, tampouco o reviver das simples coisas. A caneta dança na folha branca, sentimento canta a canção que voa... Os dois olhinhos são escravos do tempo, e o tempo não vive a mercê de porta aberta... Não cumpre a cumplicidade que se torna seguro, simplesmente existe, e o quase é quase eterno. Asas batendo, colorido das penas, bico bem largo e garras como dentes. Com moderação se barganha com a vida, contínua rotina de distrair pensamentos e tapear os momentos e as ideias baldias. Criou-se o hábito saboroso e salutar, começou a lutar com as armas evidentes. Vê a novidade de coisas iguais que nunca foram feitas, reinventa os trejeitos dos seus sujeitos (dá-se um jeito). É a luta contra o colosso imortal contínua; o gigante que é anão, que espeta, que apunha, apunhala, compunha a mente incerta e a luta se enluta no negro alerta. (...) nessa hora os olhos se emocionam mais uma vez, enchem-se d'água e desaguam... É a vida: eles querem entendê-la, desvendá-la, querem enterrá-la para saber sempre onde está; irão confessar até o que nunca fizeram e pelos campos e cidades aos ventos voarão... Sendo perene ou não; sendo asas de anjo ou dragão. Brincar com o sonhar é brindar com a vida. Realizar-se é só consequência.

A esperança me recebe de pé

Na busca pela lucidez, deparei-me com teu farto sorriso,
Mesmo que escondido no retrato da folha de papel. Sorri para
uma lua de mel num céu limpo, solitário e mudo... E com olhos
encharcados de escuro, nada mais pude ver.

Idealizo o beijo largo em sua calma boca; irrealismo é minha alma,
sendo louca – pouca – desnuda. Sentindo-me agora uma pluma
que sem vento é só o que é, atravesso continentes a pé e dou ré
no relógio inconcluso; o tempo vira inimigo, mas a esperança me
recebe de pé. E assim vem uma pergunta: o que há de se fazer? –
Assistir-me no espelho e ter medo de não me reconhecer? Nada
disso importa, sabemos que o momento jamais descansa, e a cada
dia nossa andança dá um passo além do alvorecer.

ABC - Tríade poética

Casa

"O importante não é a casa onde moramos.
Mas onde, em nós, a casa mora."

- Mia Couto

Às vezes constroem-se imponentes casebres de madeira, às vezes
impotentes castelos de areia.

Falando em outras épocas:

Não houve regras nem mesmices; nem de outros quaisquer
palpites, nunca deixei; (fui menino traquinas).

Até hoje em dia quando me apontam o dedo, aponto um lápis. Na
puerícia fui um príncipe - fui plebeu, fui o princípio das brincadeiras
- fui o fim, pois também fui o rei. Por essa razão ou outra, talvez,
não existe agora, nesse tempo, de um insatisfeito nem um ínfimo
resquício. Vivía o hospício bem-vindo de um artista, vivía o "agora"
sem a vil bola fora, que condiz com qualquer aprendiz.

Na parede da minha casa, descascada, carcomida, em linhas
frenéticas de giz, comecei os primários esboços:

Linhas traçadas nas paredes do sóbrio Pollock de um metro e
trinta.

O piso era velho, de taco, e no meu quarto o desenho de um
tabuleiro de xadrez. Em frente à casa uma mangueira, e uma
mangueira para regar e tomar meu banho. Um balanço sobre a
roseira e os belos girassóis de Van Gogh... Mas isso só em sonho.

Fui feliz naquela casa e nas outras que surgiram, pus meu toque ao adornar, pus a música e trouxe amigos. Deixei o pássaro cantar, o verde crescer e o cachorro latir; deixei o chinelo sujo de barro na porta e guardei a lembrança da minha mãe sorrindo.

Manhã de 12 de setembro de 2013

(com poética, dialética aritmética e dislexia)

É a tal: por favor, aguardem contato, anunciaram a chegada na hora; cheira forte e choca os olhos, queima a pele e dá até barato. A caça do homem no largo lago (um peixe e a saudade no prato) é a lágrima que chega mansinha no sorriso da boca na esquina. Fez louca a agonia do peito e a merecida alegria no tato. Fez da arte gato e sapato, do seu jeito só nesse feito. Alguém pergunta o que sugerem pra hoje: o cardápio está em letras gregas. Vejo estátuas sem todo o braço, ouço o voo de moscas varejeiras. Vem bom humor e o pavor de perdê-lo, o problema é mais que emblemático; vem matemático e fica cabreiro; vem o cosseno, o seno e o quadrado. E no porta-retratos a verdade, a neurose que não faz sentido; indo à toa, à tona e a esmo, não é o mesmo que felicidade.

ABC – Tríade poética

Em breve e logo mais, não são “pra já”.

Saindo de Juazeiro, nuvens, sol quente, um pouco de sede e muito já de saudade; deixando o olhar dos cães e os meus olhos úmidos para todos que tenho apreço... Mas é breve, é coisa ligeira. O tempo passa tão logo, tão “flash”, como os ponteiros do relógio, na pressa e na eternidade do tempo que sempre já foi. Seguem avião e emoção, trocam-se óculos... Escuros – de grau. Vem bloquinho, vêm sonhos de realidades; ao meu lado na poltrona: ninguém! Lugar vazio é coisa rara nos tempo de hoje... Vai ver foi de sacanagem, para aumentar o vazio e duplicar a saudade. (II) Entrando em Brasília: nuvens parecem montes, montanhas; nunca as vi com tais formas. Ao longe uma se destaca mais assanhada, como uma torre alta, feito um castelo. Lá embaixo um rio longo e a sensação de estarem todos dormindo. (III) Sábado (13/12/14) Meu café, dia chuvoso – parque meio alagado, cabeça lenta, bate-papo com a vendedora de uma loja vazia e o encontro com um amigo. Já se foram àquelas pernas energéticas, descontroladas, que andavam de um canto ao outro e nadavam, nadavam a esmo ou não, e corriam, a esmo ou não, na mais infundável eficácia. (IV) Um rissole de camarão, café espresso e a pressa de ir a lugar algum. Uma farinha de maracujá e mais caminhar... Algumas coisas mudaram/mudam e outras nem tanto, busco sempre a poesia velha/atual/nova; o bom, a meu ver, é isso! E ela?! ela está em todo lugar... Quem? – Agora não importa... O celular vibra – é mensagem – é tecnologia! Agora não; não largarei a caneta. (V) Vulcões estouram, à realidade da lâmina do vento, entre diversos imprevistos:

melancolia e saudade. Seguimos espertos nos mares, nos maremotos cabreiros, nos peixes-espadas guerreiros e ingestão de ornamentos. O tempo agora é amigo – parceiro, sombra e herdeiro; delicado, bem-humorado, sorri a mim com sarcasmo. É meu ouvinte esse tempo, o grito que ensurdece os receios, segredos e vivências e abrigos – antigos pensamentos são recentes. (VI) Barba enorme e o cabelo que não cresce, prece disfarçada de poesia. Todo dia um bom-dia à “reprise” e o “vixe” que procuro nas nuvens. Damos sempre “viva” aos mortos e tem aquele que se faz evidente; cantam descrentes e crentes à sorte, cantam ao norte na hipocrisia da vida. (VII) . Enquanto o sol beija meu corpo na fria manhã dessa quarta, a folhinha com os dias marcados, parece caçoar da minha cara. Veio tranquilidade, mas logo a má notícia; veio no dia à perícia, para dar certeza ao estrago. Mas ponho forte o cordão, meu São Jorge pendurado, e faço o branco pendão, a paz em seu imaginário reinado. (VIII) Rigor na minha sábia decisão, mudanças nos planos da festa; há pudor, mas há tiro na testa, se houver algum ligeiro mau humor. Tudo são fogos com o foco armado, embriagado de fortuna e sorriso. Tudo são figas nas mãos dos amados, e com torcida não há mais perigo. (IX) Ouço pássaros chamando meu nome, pela varanda novo dia de conceitos e afins. Ouço músicas que me remetem ao sono/sonho profundo, talvez nostalgia. Há a obscuridade de lembranças, mas há a claridade das promessas e esperanças; há um tempo muito novo – talvez amanhã ou daqui a uns anos; há um tempo antigo – talvez minha infância ou seis meses atrás. Na juventude o tempo era farto, mas aos nossos olhos tornava-se escasso; com a maturidade o tempo torna-se escasso

ABC - Tríade poética

É não há espaço para colocarmos as faturas. (X) O Natal bate à porta, entorta e revive as letras já tortas e mortas; o novo dia chega chegando, breve e erudito, compromissado compromisso de haver algo novo e harmonia. Beijo meu anel de São Jorge, ato falho, desnecessário.... Pois na fé sempre me agarro! Coloco as chinelas que trouxe de couro velho e sola de pneu de carro; coloco o pijama bem leve e para o frio de Itaipava me preparo. (XI) Um “drops” e um dropo no copo de café; lá vem, com cara de cinza, mais um dia. Hoje nada de sol, só de só (mas sobrevivo). A névoa que não se espalha traz um pedaço de bom dia. Traz a fleuma, bela visão do horizonte, inspiração e todo o restante montante... É, à revelia, me impute felicidade. O frio não veio; no velho que passa pela rua com frio, vejo seu pensar distante e seu andar sereno. Na criança do vizinho, sinto o dom da juventude. No pássaro que canta no voo, ouço o som da liberdade... Hoje sou o mesmo Eu, mas mais suave; sou velho, menino e sou ave. (XII) Agora é sentir a brisa e deixar o cliço rolar, é soltar o barco no mar e acreditar; é curar o arrepio, ser pertinente e vadio. A sujeira pode ser limpa e o borrão tornar-se um belo desenho. O arremate depende do escultor, a escultura não está completada; o que virá, veremos, o que se foi, folgado (não quis ser indelicado). A justiça sempre é feita, de uma maneira ou de outra. Agora me torno mais eu e bato o martelo; cumpro minha missão e na submissão, que assaz “sub”, meço-me.

Não é física e nem afásico, talvez algo frásico sobre/sob fusão: alcança-se o ponto de ebulição da água 50% mais rapidamente ocupando-se em outra coisa.

Das lágrimas

Preciso de versos certos, de encaixes precisos, que construam uma obra prima da mais bela e enigmática.

Preciso da ideia no foco, estar sedento e famélico, lutando contra o branco do vazio sem armas ou mapas, sem asas endurecidas ou velas furadas.

Quero ouvir a verve gritando, ao mundo, ao pouco, como louca rara que absorve a vida aos poucos.

Preciso da sua leitura de corpo nu em noite tão escura que nem as estrelas deram as caras.

Preciso do deleitar dos olhos vexados, umedecendo e emudecendo, abertos, fechados, deixando cair suas lágrimas.

Enlace das almas

Deu início aquela conversa; eu o ensejo com a fuça de lua cheia; no bule o café bem fresco, na mesa o bolo, a maçã e a ameixa.

Na troca de vocábulos transpõem-se os obstáculos; surge um oráculo inócuo no enleve dos versos leves. O dia rasgando com o sol no arrebate da torra; a noite fica sem jeito e deseja que escuridão se entregue. Nada daquilo é fracasso se o ocaso se vestir de amarelo; largar um breu quase eterno, e com isso também foi o tédio... Há de parar com os remédios e vestir uma sunga e calçar um chinelo. Para todos a areia está fofa, o mar bem calmo e a brisa a contento; o inesperado não é tão enigma, pois temos a insígnia de um nobre guerreiro. O cabelo castanho vai ficando branco; o branco dos olhos, vermelho. O ano já está quase acabando, e depois de um espirro, já é novamente janeiro. Vem uma luz no final do túnel, arrasando a desesperança, criando a salutar aliança de aceitar o escuro, mas ver a clareza. Dizem ser indelicadeza – mas assim a vida tem mais futuro; dizem que estão em cima do muro – mas o muro é puramente adereço. Deu-se o fim da conversa com um sorriso em todas as faces. No bule o café ainda quente, na mesa um vazio e nas almas os enlaces.

Há lençóis em que se repousa, que se sonha, que se voa, que se doa e se pousa... E quaisquer lençóis em que tu estejas comigo, estarei aquecido, envaidecido... Em plenos amor e abrigo.

Seda pura na pele

- O corpo foi na onda, forte e firme em direção ao sossego.
- O medo caminhava longe, descalço e bêbado.
- O abraço (prévia do beijo) fez-se ao relento: onde mais poderia ser?
- O trabalho, mais que merecido, aparecido, beirava um milagre; amizades afiadas, a moeda separada para o possível troco do pão.

Suadas mãos... Na toada do tempo que diz ainda haver o intento, esse movimento e em todos, para toda criação.

Tintas aquecidas: fervem, borbulham, tremulam, brilham...

Tantas esquecidas, agora ressuscitam. Por trás dos pesadelos estão as musas com seus corpos tatuados de desejo e despudor.

São cordeiras com seus contornos que deslumbram, preparando os retratos dos fetiches do sonhador... E posam quase nuas, apenas a peça de seda pura de paixão.

Não nasci cá nem acolá, nem além ou aquém; sou melhor e pior que ninguém. Vivo o amor e a arte e assim sou do mundo... quiçá limpo ou ímundo, mas de nenhuma parte.

ABC – Tríade poética

Manhã de 24 de abril de 2015

(com um pouco de Absolut e água com gás)

“Êta, porreta, qual é!” Deixo para trás o rompante e no montante e na montanha vejo essa manhã sedenta, tamanha, de inspiração. Manhã avermelhando ao longe... Cereal, frutas, café – sustentação –, o branco da parede e quadros coloridos, aqui. Vou dar minha corrida e ganhar pensamentos; ganhar sonhos e novidades; vou dar minha pitada de irrealidade e abarcar fingindo ser um monge (não escondo a simpatia pelo Budismo; e nem deveria, e nunca assim farei). À revelia estão em quilo/peso à crença contraditória, algumas oratórias sem noção; há momentos em que não me queixo, e o quebra-cabeça se deixa e se encaixa... Na maioria dos momentos não. Prefiro sempre a adequação de ter uma/duas/três escolhas (fiz escola nisso) e fazer o que acho sensato, justo e honesto: sem ordem – desordem – prevaricação (não escondo a simpatia pela pessoa simples, direta, objetiva, sincera e nada gananciosa). “Êta, disposição”, é bom acordar para vida depois de acordar da cama e depois de anos estagnado; não vou mais reacender tal (nenhum) carma (não foi para fazer trocadilho. Juro!). Já vivi na lama; já vivi no limo; já vivi no limbo; já vivi sem gama e “me virei” na vida sem colorido – sem poesia – sem improviso, com garrafas e ideias vazias (ou a caminho) ... Sem fim, sem confetes e sem ninho. Na obsessão pela saída achei a poesia. Hoje a amo sem a necessidade da recíproca e/ou carinho

Insone e insano no seno e cosseno do ser

Eu vejo, vejo! Nas paredes do corredor que leva à cozinha, algumas sombras que balançam com as leves e tontas brisas expondo seus desenhos simplórios, notórias alucinações, visões dela...

Vou abocanhar meu pão de centeio, com queijo coalho e margarina e uma fatia generosa de mortadela. Por enquanto, só por enquanto, primeira noite de inverno, sem arrepio, sem espanto (Por enquanto). Encontra-se calma e silenciosa.

Quebrou-se o silêncio, no barulho do meu copo de vodca. O gelo frenético batendo no fino e fanho vidro, ao ser mexido pelo dedo. Olhos mirando o bloquinho, sou zanho, sou zen, sozinho. O álcool companheiro agora me deixa, foi estacionar no cérebro, criou raiz e espera ser regado. Convite à escrita – sorriso no canto do lábio, nos dedos da mão direita, uma imaginária tatuagem escrita; o que há, não diz! Mas uma letra se esconde por debaixo do anel.

A verdade deve ser sempre colocada à prova, as horas são escassas e procura-se o término de um romance real.

Depois de linhas traçadas, dois comprimidos de anfetamina – a garrafa já no final –, boca seca, pupila dilatada (Tenta-se dormir).

ABC – Tríade poética

No teatro da vida

Um brinde à paixão aventureira, abrindo o melhor champanhe. Se banhe na fonte da juventude, faça dessa quietude a voz guerreira.

Mais ameno, segue firme, segue o tempo, e ao vento dissiparam-se as nuvens.

Bem ao longe, as colinas – ornamentos; o verde, um alento – é perfume.

A natureza é o presente de união da unção do momento com o desejo; que o beijo assina embaixo – dá o laço;

Encare o passo, pois o tempo é contramão.

Amanheceu e a paixão já fez a cama,
Tomou café, leu jornal e foi-se embora;

E em outra hora, de repente, talvez volte;
Pois no agora, fecha a cena – encerra o drama.

Fulano da Silva, Sicrano Barbosa e Beltrano dos Santos

Deu um gole no chá verde gelado e ao descansar a xícara, sorriu; viu-se num lago novamente o guri que um dia brincou com seus sonhos alados. Congelando o momento foi trajando o futuro, luz no fim do túnel do incerto predestinado; no amanhã um apogeu deveras absurdo é a essência madura que utopicamente nasceu. Viu-se feliz com o viver protegido, viu-se unguído com o suor de mil anjos. Na boca pequena um grandioso sorriso e os ouvidos docemente arranhando violinos de Vivaldi em arranjos; faz-se adulto, pecante e andarilho, com rugas no rosto e prantos arquivados. É trem de carga que não carece de trilhos; abandonou seu abrigo, sem culpas e mágoas. Chegou o tempo das convicções positivas, de amores desatados por mãos limpas e lavadas com o suor da procura. Eis mais um desafio no meio do povo “de andar semelhante”: - barba bem feita, o sapato novo e alma nada desnuda. Eis o semblante guerreiro, os filhos na escola e hora na labuta: - comida na mesa e nove talheres para apenas duas mãos. Chegou o tempo de desprender-se do básico e não se sentir um traste por nada ter de praxe.

ABC – Tríade poética

Fugindo da história:

Foi convicto à feira no domingo e comprou seu peixe... Subiu no velho caixote e disse a todos os ouvintes: é bendito e bem-vindo o tal de Benvindo Nogueira. (Deputado do povo, eleito por ser homem oprimido).

Voltando à história:

No arraste das horas a barba crescendo e o sapato mais velho; vê-se esotérico ao som erudito de um novo critério; agora homem simples, Sicrano da vida em um mundo baldio. A vida estava por um fio, mas as nuvens se foram e tempestades sumiram. (o chão é o limite)

O tempo chegou, o clarão é mais vivo das asas no apoio e o voo contínuo. (o céu é o limite). Há estradas fáceis que levam ao pecado, mas há também caminhos íngremes que estendem o tapete vermelho pro nada. Ao final da tarde as flores enfim se mostram (mais dela) submissas, num colorido real e pétalas como olhos famintos de belo. Ela, dama, atravessa os jardins, os passos tímidos e sutis, abrindo os lábios e deixando brotar as próprias cobiças; um artista do amor sorri, aponta seus dedos magros, (outrora gordos e inebriados de nanquim): - Ai, ai, ai, é o fim, ela não me notou... Choram eu, ele, você e os jardins. E o chá, um sopro para esfriar; vem aqui – foi lá. A fumaça do tabaco profana a luz que atravessa a janela adentrando o quarto, trazendo a beleza que há, aos olhos abertos, no limpar das remelas, no sonhar – realizar e fazer jus. Beltrano dos Santos é uma figura; já foi

profeta, mas não se mostrou... só ele sabia; nas alquímias que os anos trouxeram, a derradeira ainda estaria porvir; mas ele não tem pressa, o amor não tem pressa e o que só interessa é o acreditar sem fim.

Concubino erudito (revanche)

Chegou manso, com aquele papo de ouro: conquista, envolve e absorve. Se não deu, dá um tempo e tenta de novo, naquele clima fresco: aquele vinho bom, lareira acesa, sentimento em “blow”. Se já há resposta, atividade! Com responsabilidade faça de jeito e de bom-tom. Vejo o futuro: a mulher grávida caminhando na praia, saia rodada e imensa vontade de estar numa festa cálida (pagã). Para quebrar a leitura aumento essa poesia fútil, dispensável, absurda, cega, surda e muda, com esse parágrafo inútil.

Volto ao conquistador barato, réu com popular palavreado... Engomado, com a boca que dança ao som da goma de mascar. O ser mascarado, de louco disfarçado, fazendo crueldade. Escreve livros invisíveis: irrisórios (de matar) – sem fim (há de acabar) ... E até mesmo sem finalidade. Por fim surgem infinitos demônios, sem nomes nem rostos, sem breves e longos amores, surgem para lhe buscar. Agora vemos as dores que somem, longe e deixam os motores que impulsionam o viver. É só mais um dia (vida e coração); visão apaixonada, do fluxo, sangria e adoração. Não há mais a dizer, só abra os olhos e permaneça amando.

ABC – Tríade poética

Beto Acioli

É de Olinda/PE, nascido em 18/09/1965. Tem participação em mais de uma centena de coletâneas impressas e publicadas por diversas editoras.

Publicou em 2014 “Interpoética” (em coautoria), em janeiro de 2015, Solum, (seu primeiro livro), pela Bigtime Editora e em maio do mesmo ano “Íntimo das padras”, e “Entretantos” pela PerSe.

É Acadêmico Honorário do 1º Colegiado de Escritores Brasileiros, da Litteraria Academiae Lima Barreto e Membro Emérito da Câmara Brasileira de Jovens Escritores.

Assina o blog A Cara da Dor

<http://betoacioli.blogspot.com.br>

Ví o Nada

Ví tantos carros pra tão pouca estrada;
ví poucas faces para tantas máscaras;
muitas viagens e tão pouco chão;
famintas bocas pra tão pouco pão.

Ví muito risco pra pouca aventura;
ví mais mentiras e meias verdades;
ví muita pompa e pouca humildade;
muitas promessas pra nenhuma cura.

Ví pouca coisa pra tanta frescura;
ví mais desculpas pra passar na cara;
ví só mesquinhez e pobreza da alma.

Muita ganância e muita hipocrisia;
vãs alegrias e reais amarguras;
penúria e sombras numa escura estrada.

ABC - Tríade poética

Entretantos

Sem precisar fosse eterno
te amei com todas as forças possíveis
dos meus mais intensos agoras.

Não me descuidei
nem do que era intocável
nem do secreto e invisível.

De ti, me fiz em emoções:
Sorri, chorei,
mas foi somente por amor...

Não te desprezei,
guardei rogo no amanhã
dum irrevogável querer
em meu coração partido...

Pois quando, em ti,
o silêncio incomodar,
secando o teu mesquinho ser
é que virás notar
e em meus olhos irás ler
todo o ainda indizível.

O tempo passou e eu permaneci na mesma estação...

Guardo numa canção o calor dum sol que ainda arde em mim;
Resguardo a emoção do "Till there was you" transcrito pra ti;
Assim começou... O que hoje é amor nasceu duma paixão;
Não te prometi nem o céu nem o mar, só o meu coração;
Desse-me tua mão e eu quis logo então o teu corpo no meu;
E assim me entreguei, contigo viajei não mais quis o adeus.

Ao te conhecer pude sentir e ver minha felicidade;
Meu peito aprendeu a banir a solidão e ser feliz de verdade;
O tempo passou e, em nós, ainda há cor, cheiro e sabor, enfim;
Resta muito amor, pro tempo que for, por anos sem fim...

De todas as coisas que me aconteceram tu foste a melhor;
A vida mudou, jamais quererei seguir no mundo só...

Meu amor é profundo, nem por um segundo eu te esquecerei;
Irei pra onde for, sem nenhum temor, pra contigo estar;
No céu ou no inferno, por verões e invernos, sempre hei de te amar;
Hoje sou feliz, sou grato a ti por encontrar a paz que sempre desejei;
Ainda me emociono ao lembrar os reais sonhos que contigo vivi...

Vivo desse amor, respiro esse amor que em mim está exponente;
Isso é o amor, esse é o grande amor que em minha vida existe;
Deixei de ser triste, pra mim tu sorriste, feliz fui urgente;
A Deus agradeço (nem sei se mereço) ter esse grande presente.

ABC – Tríade poética

Lúgubre

Há absolutos pesares
por onde o apego pousa;
n'alma presa à catacumba,
em meio à névoas e silêncio
passeios desconsolados.

Ao alcance o ceticismo,
umbígos, ecos e sombras
dos que ainda aqui ancorados;
nas engrenagens do tempo
matérias que jazem mortas.

És madrugada, mistérios,
impérios em desolação,
com a carne que se entrega
ao escuro cerne da terra;
cíclo, amorfo carbono
sem orgulho e sem ostentações.

Falso ouro

Recuso os teus louros, um ouro que não reluz
um falso tesouro que a mim não seduz...

O latim é de sangue, com avidez de voo
e em meu tolo coração, píá despretenioso
o saber do pouso é o ter os pés no chão...

Mortal, em carne e osso, não temo punhais...
Se minhas carnes cortam, destroem as represas,
me ejetam do fosso que me prendem em tí.

O verbo tem asas, vida, substância,
presteza, abastança e não a altivez
e a tua arrogância em peso e grandeza
faz a tua alma fosca em total pequenez...

ABC - Tríade poética

Descartes

Achei que era o grande amor, mas ví que estava iludido
e assim não correspondido provei da mágoa e da dor.
Um amor assim, sem valor, mereceu ser descartado;
pra não viver amargurado não quis andar contra o vento.
Joguei em meu esquecimento farfalhas do meu passado.

Por me sentir sufocado segui por outro caminho;
melhor é trilhar sozinho do que mal acompanhado...
Com a paz andando ao meu lado reconquistei o meu alento;
daquele amor ciumento enfim eu fui alforriado
e as tralhas do meu passado larguei lá no esquecimento.

Fiz uma faxina em mim limpei armários e gavetas,
álbuns, malas e maletas e a todo inútil dei um fim.
Plantei num novo jardim, deixei teus espinhos de lado;
pra me sentir renovado não quis mais ressentimentos
e enterrei no esquecimento as mágoas do meu passado.

Joguei fora todo o lixo, varri todos os entulhos;
entre coívaras e monturos desfiz-me dum crucifixo.
Quebrei assim os caprichos d'outrora, por mim, guardados;
dei adeus aos dias cinzentos, descarreguei o meu fardo;
com as sombras do meu passado eu já não mais me atormento.

Dos populares ditos

Namoro sem beijo e abraço,
ver estrelas no céu da boca,
malandro dormir de touca,
ferrugem em nervos de aço,
bebum não errar o passo,
ver pés de planta correndo,
mangas de camisa sendo
usadas pra fazer suco;
balas de açúcar em trabuco,
eu só acredito vendo...

A muda não "amar" gemendo,
se dar nó em pingo d'água,
mulher q'inda usa anágua,
ver pelo em sapo nascendo,
chifre em cavalo crescendo,
ser freira uma meretriz,
mentir e crescer o nariz,
São Jorge na lua cheia...
pulsando eu verso na veia
nos ditos que o mundo diz.

ABC - Tríade poética

Lacunas

É a ira que voa em asas de marimbondo
em seu bico faminto destroça às carcaças,
é a vida em seu seio que em breve esvoaça
a passar por branda entre forjas em brasas.

um olhar de sombras que permeia n'alma
é o odor de pólvora e das mais negras rosas.
uma tocha que apaga, é o sal que embaça,
são elos perdidos a chicotes e a mordaças.

são gritos engasgados em sinais de agonia.
algemas que a prende e a surdo silêncio.
é a liberdade que às mínguas é tolhida.

nos fossos escuros vidas são punidas;
ver, ouvir e não falar só cala a realidade
e abona a injustiça de insanos covardes.

Rosário dos Pretos

Rosário dos Pretos
socorro do gueto
cravada no morro
antiga e calada
quase abandonada
reduto de escravos
indultos e forros.

No subterrâneo
atravessadouro
conexas fontes
expelem-se abundantes
suas águas constantes
pelas bicas em jorro.

Na torre, seu sino
corujas em agouro
quebrando o silêncio
tornando-se imenso
mistério extenso
em seu abrigadouro.

ABC - Tríade poética

Quando à meia-noite
as luzes se apagam
tambores se calam
lamentos e choros

Recordam a senzala,
tempos de mordaça
e açoíte no tronco.

Rosário dos Pretos
vos dê proteção
glória, redenção,
vós sois o Socorro!

Esquízo

Ser mais um entre um milhão,
escolhido por exceção,
abundante em imperfeição,
passível de exclusão.

Singular, individual,
feliz por não ser plural;
meu mundo, em mim, é normal,
só, luto com o meu mental.

Ar de ser sempre campeão;
sou visto como um anormal
pra vida que é provação.

Pra mim tudo é desigual,
o mundo é uma confusão,
mas sei que tudo é normal.

ABC – Tríade poética

Das querenças

Deleito-me com tua presença;
enche-me os poros de alma;
preenches minhas lacunas falhas;
potencializas a minha querença.

Não aspiro que a mim pertenças
nem quero ter-te em migalhas;
sejamos da mesma igualha
insensíveis às diferenças.

Que te enredes em minha malha
sem peso de consciência,
sem resistência ou muralhas.

Que seja a nossa sentença
o prazer que agasalha
toda essa nossa vivência.

Meu bom Amparo

Saudades, meu bom Amparo,
meu berço e meu celeiro,
minha primeira morada,
és o meu amor primeiro;
princípio da minha história,
moras na minha memória
há quarenta e seis janeiros.

Quanto mais velho, mais belo,
teus quintais são um encanto,
tens teu coração num Largo
e teus pés nos Quatro Cantos.
Tua igreja é um santuário,
teu casarão, um relicário,
beleza que causa espanto.

Voltarei pra tí um dia,
não serei desamparado;
quero de novo a alegria,
de volta ao meu legado;
regressarei aos teus braços
farei de tí meu regaço
e morrerei confortado.

ABC - Tríade poética

Ardo por tí!

Confino-me em teus vãos estreitos;
encontro-te ao lado em que me deito;
extasio-me de tí com intensa verdade
embora perceba um poço de maldade.

Não desejo ter-te em soberba ou vaidade,
bastar-me-ei em ver tua flor em latejo,
suspiros ofegantes em sentir meus beijos
por todo teu corpo em voluptuosidade.

Não temo castigo nem quero piedade;
só anseio sentir o calor dos teus seios
sonhando acordado nesta realidade.

Que os meus desejos não te sejam alheios
e que a minha fome seja a tua vontade;
que me queira sempre em teus íntimos meios.

Amor suicida

Por entre as veredas sobre folhas secas, caídas
quais sonhos espalhados e jogados ao chão
tento me esquivar procuro uma saída...
Na mente cansada um voraz turbilhão.

Um mar furioso que oscila e assusta
e a crua iminência de uma decaída;
flexuoso caminho me leva à loucura;
grande é o desconforto de morar em tí.

Percebo que a vida é mui cruel e dura
e a minha lida, num oco, foi falida.
Só me resta a casca e a alma vazia.

Quase não suporto beber deste fel...
Sem ter uma saída em meio à agonia
meu amor por tí se faz suicida.

ABC - Tríade poética

Como Ló

Por que tu delongas em voltar a viver?

Não vê que aproxima-se o juízo final?

Breve não verás mais o amanhecer...

só nuvens e fumaça em meio ao caos.

Não quero encontrar-te entre estátuas de sal

vagante num vale que é só perdição,

nas trevas de um mundo sobrenatural,

tua alma em agonia debatendo ao chão.

Se ainda acreditas em tua salvação

percebe que vida te traz um sinal

da necessidade de transformação.

Melhor salgar a terra que ser ímoral;

ser a luz do mundo em meio à escuridão;

ter a vida eterna e viver o imortal.

Expurgo

Beira de rio vagam as velas,
há casebres, palafitas
compondo imensas favelas.

Enquanto lá no asfalto
no seio da burguesia,
às margens da hipocrísia
não há vagas, só há filas,
só concorrência e procelas.

Na lama do mangue sujo
homem limpo a vida zela,
garimpa dignidade,
trabalho, pão e tutela.

Espera oportunidade
de melhoras da cidade,
ser cidadão ele espera.

ABC - Tríade poética

Afins

Somos afins pela cor da tez,
pela branca estupidez que nos move,
pela pequenez da alma,
pelo inútil orgulho, que nos repele com aspereza,
pela solidão e carências que, horas a fio, nos envolve,
pelo egoísmo, pela hipocrisia e pela prática do ócio...

Afins também somos pelo ódio,
deveras dissimulado
por toda ingesta de avarezas,
por arrogâncias e mentiras,
por toda inveja, ciúme, frieza;
por sermos, do amor, desgarrado,
por termos o sangue nos olhos;
também pelo cuspe no prato escarrado...

E comungamos sem dor
toda ineficiência dos nossos impensados atos,
dos insensatos queixumes
sem encargos de consciência,
das in consequências com dolo
e das culpas por transferências...

Somos afins por todos os nossos entraves
que trazem-nos à alma os maus tratos,
pelos infelizes deslizes,
desvairos que rompem no desbarato,
por remorsos camuflados,
por mornidões embuçadas
por cicatrizes forjadas,
por todos os nossos males, amiúde, orquestrados.

Anúncio

Precisa-se de uma musa
para que dê vida ao meu frio coração,
para que ilumine o meu triste sorriso
para que me encha os olhos de brilho,
para que eu torne a ter os meus delírios
e assim retratá-los em versos de paixão.

ABC – Tríade poética

Rupturas

Limitar-se-á à memória tudo que um dia foi afeto;
ao esquecimento, abraços e beijos não consumados,
as respostas das perguntas que ficaram enguiçadas,
toda lenha não queimada e entregue ao desperdício.

Suspensas estarão razões (nossos tetos são de vidro).
Nossas sentenças virão do que ditarem as verdades;
ainda com fogo na alma e com o coração inciso
engoliremos as mágoas camufladas de sorrisos...

Abandonado o barco e imersos nas mesmas águas,
o que era céu foi apagado e o azul se fez escuridão;
ventos vindos em torvelinho destroçarão nossos rastros...
mas sóis ainda brilharão, dias virão em claridade.

Pertence ao tempo o ofício de aberturas de caminhos,
de trazer à vida o alinhado, de novas ocupações,
de remoção de resquícios e prescrição de saudades.

Vulto

Por mais que te afastes sinto o teu perfume;
teu vulto me segue por instantes sem fim;
sinto a nossa história nas músicas que ouço;
o gosto dos teus beijos no vinho que bebo;
impregnado em minhas mãos, o cheiro do teu íntimo;
teu nome ainda ecoa de minhas profundezas;
o meu travesseiro me traz estranheza;
em tudo que penso me remeto a ti...

Peno dia e noite insanos delírios;
madrugadas em claro eu vivo um martírio.

Em meus olhos líquidos fartos de tristeza,
sofro com a rudeza de não mais te ter;
tento te esquecer e hoje eu não consigo
mas sei que é preciso aceitar o fim;
teu vulto me ronda tal qual um castigo.

Te esquecer é difícil, ainda moras em mim.

Como matar uma paixão quando a saudade ainda a nutre? ...

ABC – Tríade poética

Bagatelas

Das decepções,
duvidosos sentimentos
que se expressam em palavras apenas;
que quando postos à prova
suas chamas pequenas e rasas,
sem sustância, perdem a trela;

Mostras de total desleixo,
das omissões de afeição
(da ingratidão por tabela),
causas de trincas no espelho
para os disformes reflexos
apontarem pra a razão.

E a alma acuada, em fastio
sem órbita e sem fulgência,
cria resistências
e se nega à entrega;

e as desilusões,
tal qual uma adaga cega,
rasga o coração
instala o vazio;
e os quereres em estio
dissolvem qualquer paixão.

Ancorado

Sentado às margens do tempo,
calado e sem movimentos
eu deixo a vida passar...

Pacientemente atento
espero o exato momento
de enfim poder navegar.

De fora assisto de perto
a vida a cruzar desertos
que vêm em sua contramão.

Embora esteja ancorado
não ousou trocar de barco
nem mudar de direção.

ABC – Tríade poética

Nada a dever

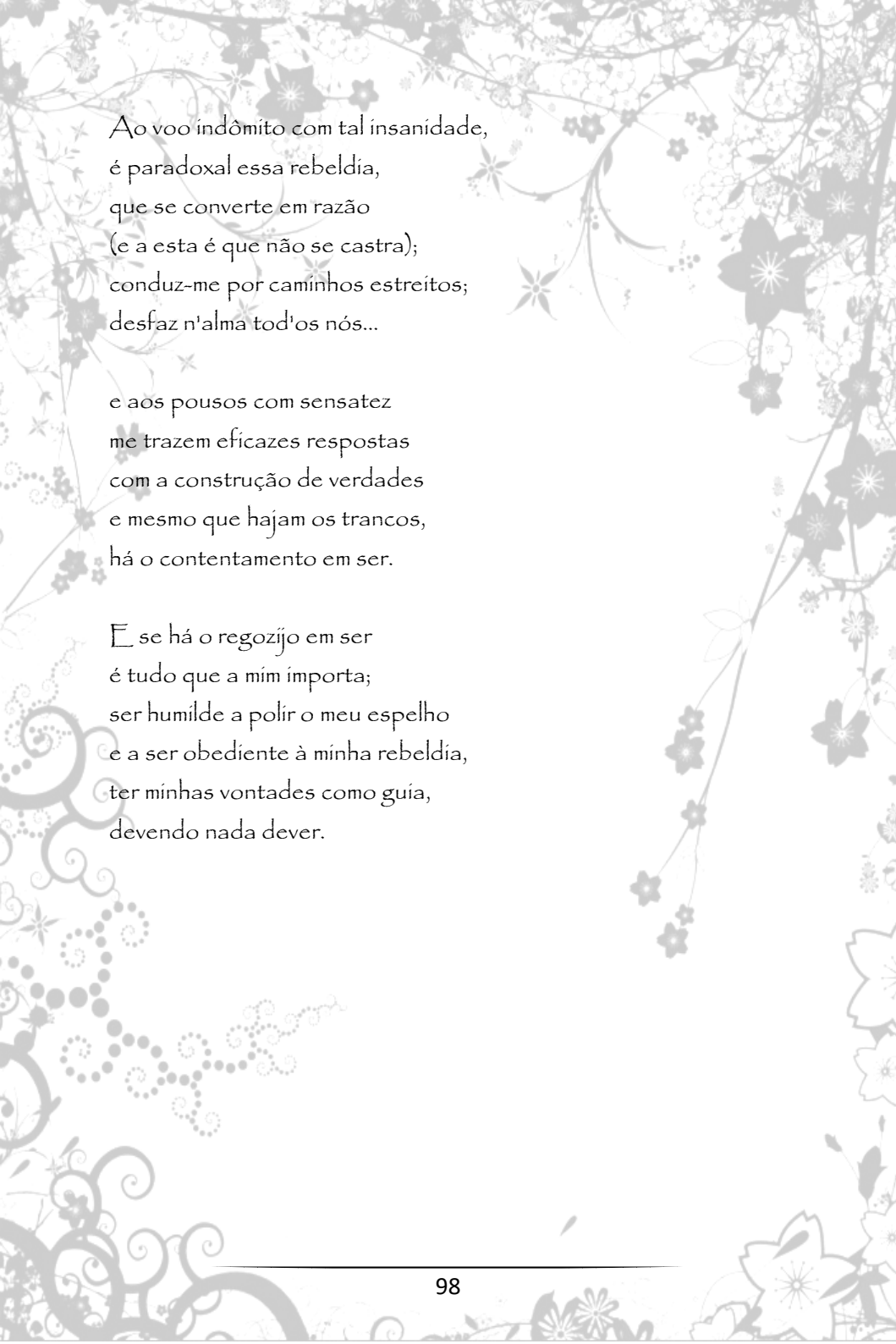
A melhor fase da vida é quando ela acontece;
é quando os sonhos já não são tão importantes
quanto as realizações.

Não me arrependo do ontem que vivi,
dos riscos, dos cortes, das provocações,
das desobediências pra ser quem eu sou;
das pedras atiradas aos dias que morri.

Não criei zinabre por faltas ou omissões...
Hoje tenho o ar — esse é o meu quinhão —
e do que eu não fiz respondo em liberdade.

E ainda devo, mas é a nada dever
e/ou muitas vezes ceder;
e/ou noutras me objetar,
dar ouvidos ao coração
e embargos dar à razão;

e devo não maquiagem a vida
para que a minha mente não se torne enferma,
pois co'a alma sem saúde
mata-me, aos poucos, o físico
minando a minha consciência...



Ao voo indômito com tal insanidade,
é paradoxal essa rebeldia,
que se converte em razão
(e a esta é que não se castra);
conduz-me por caminhos estreitos;
desfaz n'alma tod'os nós...

e aos pousos com sensatez
me trazem eficazes respostas
com a construção de verdades
e mesmo que hajam os trancos,
há o contentamento em ser.

E se há o regozijo em ser
é tudo que a mim importa;
ser humilde a polir o meu espelho
e a ser obediente à minha rebeldia,
ter minhas vontades como guia,
devendo nada dever.

ABC - Tríade poética


Questa

Dias de desconstrução
propositais desencontros
retratam episódios escabrosos,
de subterfúgios ao fatal.

Não sei expressar o que tanto me enfada;
sofro contrito cobranças e omissões;
não há, em mim, conflitos a nenhuma liberdade,
mas sim a quaisquer tentativas em vão
de me fazer ver e a crer piamente
no que é inexistente e no que é inexplicável;

nos argumentos vazios,
por onde vaza o cinismo
e descarrila a emoção,
conduz toda paz ao abismo
e minh'alma de homem molesta;

e à vida que avinagrada
sangram verdades a minha questa
aos cortes d'algum punhal;

A decorative border of stylized flowers and vines surrounds the text. The flowers are in various shades of grey and white, with some having prominent centers. The vines are thin and elegant, with small leaves and clusters of buds.

não finjo ingenuidade,
não nutro-me de ilusão,
mas meço o volume das horas...

Meus olhos voam rentes ao chão;
minha flexibilidade não esmola,
não atrela-se à imposição
e viaja longe ao irreal.

ABC - Tríade poética

Meu real

Não saberia viver de inventos
se acaso fosse o vazio; nada teria sentido
se, em mim, não coubesse o amor...

Permissivo à rendição,
por entre amargos e alegrias,
nos mais ternos sentimentos,
ou em desertos de emoções
há sempre uma intersecção
que nutre os meus loucos dias,
são equacionais de poesias
que a fundo me faz viver...

Mover-me em teu céu, teu cio
me faz descobrir loucuras,
redescobrir teus mistérios...
E em teu ser, o meu refrigerio,
encontros à minha cura.

Nas horas em que estou feliz
perpétuos são os segundos;
me sinto vasto e profundo;
não me perco só por um triz,
mas esqueço do externo mundo
se, inteiro, me embrenho em ti.

Sertão de pedras

É estúpido tentar entender
o que não proclama em alvoroço
o ser que em minh'alma habita
e que só pra mim professa...

Vem de meus vis calabouços,
dos ossos das travessias,
uma fustigante agonia
com a angústia que me atropela;

minhas fronteiras são veladas,
respiro dum escuro outono;
genes de incomuns carbonos
transitam por minhas artérias;

meus murmúrios não te alcança
mas minha geleira te abraça;
meu riso fosco disfarça
meu ser tão sertão de pedras.

Amanhecer-se

Das noites que recolheram
ainda espero o arrebol,
o desabrochar dos sonhos,
o despertar de um amor
com o perfume das manhãs.

Embora envelheça o corpo
e a idade pareça grades,
a juventude não morre
nem a vida nunca entardece.

Amanhecer-se é alicerce,
prece à gana de viver;
o tempo mantém-se criança.

Quando há avidez em viver
pintamos a esperança
na cor que bem nos convêm.

Pó

Olhos d'água, encharcados, chovem em solos áridos
lacrimam as incertezas de um mundo inóspito;
nasce a desesperança e dela os homens inválidos;
brotam da terra seca almas em corpos mórbidos

Crianças sem a esperança de um futuro impávido
quaram à poeira de um presente ilógico;
escoam para as sarjetas tímidos sonhos tácitos;
emergem à superfície os hipócritas categóricos.

A ganância política que plantada em descrédito
gera a mesquinhez de vãos fados umbráticos
ostentando os poderes de um governo maléxico.

É o pérfido assistencialismo do antidemocrático
que alimenta a indústria dos sertões famélicos
expondo-nos à vergonha de um país problemático.

ABC - Tríade poética

Recife em mim


Desbotado e soturno
deita o velho casario
no espelho d'água embaçado
do ainda vivo Cão sem plumas;

de tocaia, esmigalhado,
pela escotilha do tempo,
os olhos tristes do rio
testemunham a cidade;

ao som da serena noite
as cores d'Aurora bailam
iluminada nas águas
aos pés descalços das pontes.

O ontem é um rio que acolhe
seus mistérios submersos.
Histórias a exalar maresia,
pancadas que o peito açoita...

nas calçadas vazias
o vai e vem das lembranças
de andanças
que em minhas ruas um dia fiz.

A decorative border of various flowers and vines surrounds the text. The flowers include large five-petaled blossoms, smaller star-shaped flowers, and clusters of tiny blossoms. The vines are thin and delicate, with some leaves and small circular motifs. The overall style is elegant and artistic.

Meu coração hoje é um beco
em constantes burburinhos,
e meus olhos este rio
num Recife que é, em mim,
um quadro de saudades
pintado de sombras e lama.

ABC - Tríade poética

Ser mundo

Aos seres pseudomorais
que se auto julgam normais
é louco ser o que se é...

Há capas em quase tudo,
postura e coragem em poucos
que desprovem de escudos
e se assumem como loucos...

Ao contrário dos normais
o louco é castiço, é íntegro, é todo;
se sobressai em rebuliços,
não se induz aos engodos,
não usa um feítio postiço,
nunca é nunca, nunca é quase...
Apresenta-se nu e sem medos,
mete a cara no mundo e se expõe à vida.

Pra defesa da sua lida
vai contra ou a favor do vento
Faz qualquer tempo o seu tempo
com coragem desmedida.

Se rende a qualquer paixão;
ri quando é pra sorrir
chora se é pra chorar
e chora por tanto rir...

Sem máscara, vive o real
num profundo surreal
e ainda lhe sobra tempo
pra ser mundo e ser feliz...

Apocalíptico

Simbolismos, profecias dos seguimentos cristãos,
abraâmicos, budistas ou de qualquer religião.

Em quaisquer filosofias, crenças da revelação;
visões do final dos tempos, falsos profetas chegando,
pestes, fome e a heresia... Isso é só o fim começando.

Catástrofes, anomalias e o mundo em confusão;
discórdias, pais contra filhos e nação contra nação.

Diante do trono branco virá o juízo final?

Quem afinal nos dará o ingresso pra salvação?

ABC – Tríade poética

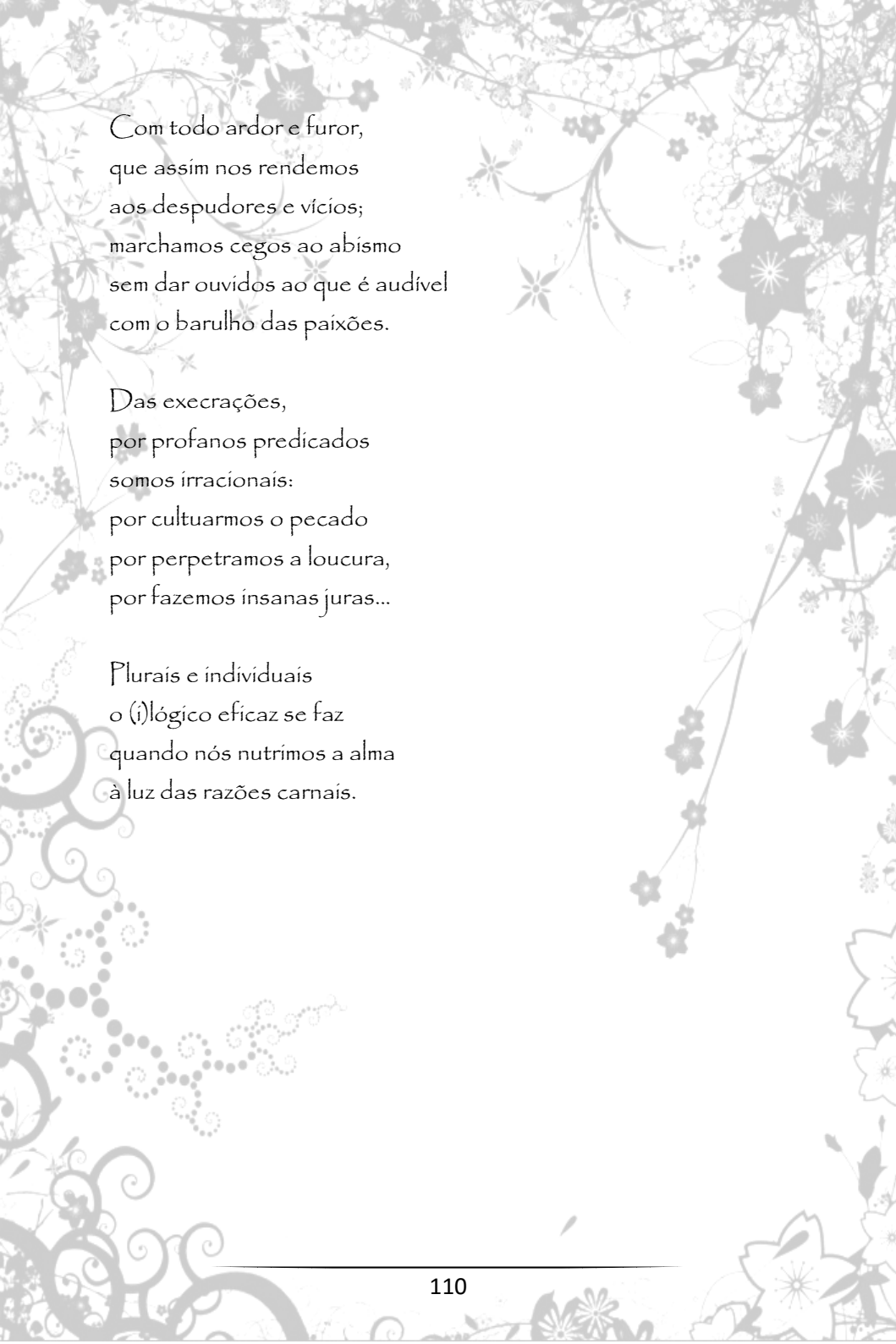
Antropo(ilógico)

Não há fuga pra nossa gênese:
Somos nós, maus primatas,
de um hemisfério sapiens,
e d'outro tão bestial;
no coração o mal latente,
de ideias e ações excludentes.

Há, em nós, o primitivismo
engrenado ao instintivo;
um exclusivo animal
d'um cromossômico egoísmo
que nos concebe à emoção.

Nem em tudo existe a razão...
Em cada mente, uma sentença,
mil crenças, mil inferências,
delírios, artifícios patentes;
correntes de incredulidades,
mentiras, verdades e milhões de arcanos...

A irracionalidade é atávica
e é peculiar de todo ser humano;
ela vem fundada nas feitas movidas
pelos sentimentos de ódio e/ou de amor.



Com todo ardor e furor,
que assim nos rendemos
aos despudores e vícios;
marchamos cegos ao abismo
sem dar ouvidos ao que é audível
com o barulho das paixões.

Das execrações,
por profanos predicados
somos irracionais:
por cultuarmos o pecado
por perpetrarmos a loucura,
por fazemos insanas juras...

Plurais e individuais
o (i)lógico eficaz se faz
quando nós nutrimos a alma
à luz das razões carnaís.

Mazela Social

Vida cruciante qual madrasta
que maltrata em colo hostil
rebentos em trevas nefastas
e ignora a quem pariu.

Conduz incertas crianças
ao simples acaso ou a sorte;
outras tantas sem esperança
destinam cedo pra morte.

Habitam em quaisquer lugares;
são invisíveis e sem nome;
falange de miseráveis
que vivem à margem, na fome.

Sem teto, chão ou governo,
sem sonhos e sem razão.
Vivem em constante desprezo
e à míngua esmolam o pão.

Produto da burguesia;
balança sem igualdade
e os que vivem a hipocrisia
fingem sensibilidade.

Prece ao Sertão

Mandai, ó Senhor, o esplendor à vida desse sofrido povo
que crê piamente na chegada de um tempo novo
e no renovo em caminhar por uma fértil estrada.
Levai à mesa o pão que é o fruto da sua árdua batalha.

Mandai, ó Deus, as águas pra que se estiem as lágrimas;
para que reverdeja o seco chão com força máxima,
para que rebrote a esperança na vida desse Brasil Caboclo,
para que se finde a fome que conduz à morte pouco a pouco.

Quebrai a inconsciência e o ócio que habitam na raça humana
e a hipocrisia sem juízo que do desumano egoísmo emana.
Apiedai-vos dos nossos irmãos que sofrem dessa seca de
espírito
e que incompreensíveis não cumprem nem entendem os
ensinamentos do Cristo.

Vã Glória

Se há um mundo que gira afora teu umbigo
por que te alimentas de tanto egoísmo?

Em tua mesquinhez mora a hipocrisia
que cega te guía pra beira do abismo.

Espelhas tua pompa numa alma vazia
e com orgulho aquece a tua vida fria.
Veste-te de cuidado para o teu destino
pois ele costuma a usar sempre a ironia.

Talvez conhecerás a fustigante agonia
e verás o teu sol quadrado todo dia.
Sozinho penarás num mundo pequenino.

Nem com palha e milho entraste nos trilhos;
Jaz tua fosca estrela iludida ao brilho
e a acerba solidão se faz tua companhia.

Encruzilhada

Foi tentando trilhar por outras veredas
que encontrei-te cruzando meu destino;
sem hesitar fosse uma obra do divino;
sem temer fosse o inferno às labaredas.

Deixei a vida tramar a minha enreda;
vivi uma vida desprendida do chão,
entreguei-me aos prazeres da paixão
e exigindo do acaso sempre pouco.

Nas asas dos sonhos voei em conforto;
Em aventuras surreais vivi a elação,
transcendendo aos limites da emoção.

Fui feliz mesmo visto como um louco,
pois na estrada sinuosa do teu corpo,
foi que num dia eu virei meu coração.

Das núpcias

Há segredos guardados em nossa alcova
como o fogo que acende dentro d'água.
Nossos corpos molhados queimam em brasa
num prazer que consome-se e se renova.

É o ardor que reside em nossas almas
justifica as saudades postas em prova;
traz, após cada encontro, uma vida nova;
faz valer todo o amor que nos enlaça.

Como um encanto o desejo nos abraça
e o relógio irracional ignora as horas;
acorrenta-nos ao tempo que nos dá asas.

Pelos feitos e não dito é que se prova
cada nó nupcial que nos engata:
Há segredos guardados em nossa alcova.

Escuro

No ermo das noites escuras
onde são extensas as horas
a solidão me devora
sofro penosas torturas.

Mính'alma implorando chora
de tanta tristeza e agrura.
Vivendo a desventura
a insegurança minha assola

Madrugadas de amargura,
lembranças de uma vida inglória.
Negra é a realidade dura.

Tempo lento me demolha
porém me serve de cura:
Percebo que a vida é uma escola.

ABC - Tríade poética

Sem você

Com sua ausência não guio os meus passos;
sou apagado sem a luz do seu olhar;
nunca mais respiramos o mesmo ar;
separados ocupamos opostos espaços.

Minha vida sem você perdeu o compasso;
faço esforço pra suportar a saudade;
sofro, finjo sentir a felicidade
mas meus nervos não são feitos de aço.

Sem sentir o calor dos seus abraços
sou um troço qualquer sem serventia,
sou metade estilhaçado em pedaços.

Sou a dor, a solidão, sou a agonia;
meu mundo naufragou, foi um fracasso:
Sem você vivo os meus piores dias.

Memórias

No rubor celeste da tarde que cai
o ar da maresia me faz recordar,
e a saudade chega maior que o mar,
um rio de tristezas dos meus olhos sai.

Saudades dos tempos que não voltam mais,
da minha mocidade naquele lugar...

No Fortim do Queijo assistia ao luar
ou andava na areia até a beira do cais.

Da Misericórdia avistava os quintais;
via o Capibaribe se entregando ao mar;
coqueiros dançantes acenando pra mim.

Via desmaiar o sol lá do Bar Querubim
e nas Bertogas, um vinho, ouvindo Raul...
Vertiam emoções preenchendo meus confins.

ABC – Tríade poética

Corpo e alma

Em tua cama sorvo a tua alma nua
e o teu corpo pra mim é escancarado.
Compartilhas teus segredos guardados,
dos meus loucos prazeres compactuas.

Em meu sangue desejos são aflorados;
minha pele se eriça ao tocar a tua;
famintos e excitados à força crua;
nossos corpos, com alma, são devorados.

Nesses instantes cultuamos nossa gula,
e espontâneos, somos escravizados
pelo amor que adiante se perpetua.

Sentimentos intensos são renovados
quando minh'alma o teu corpo copula
e o regalo nos faz homogeneizados.

Deserto

Andei por aqui e só vi deserto,
não te vi por perto, me desanimei...
Por mais uma vez fiquei incompleto,
inquietao, infeliz, preso à languidez.

Vi-te tão distante, longe dos meus passos;
escasso o bastante, só me esvaziei.
Sozinho segui meu triste caminho;
em meu ninho vazio não mais te encontrei.

Consoante à dor que em partes me parte
destarte esse amor só me trouxe o sofrer;
perdeu-se o ardor e foi posto em descarte.

Sem ti sou deserto em todo meu ser;
detesto sentir todo esse desgaste;
vácua como estou o viver é o morrer.

ABC - Tríade poética

Finito, intenso e eterno

Sê do tamanho da vida mesmo em finitude;
abraça a emoção sem o mínimo temor;
entrega a tua alma nas asas do amor;
Voa alto, sem medo, mesmo em solitude.

Percebe o ardor que em teu peito inflama;
deixa que o amor seja o arauto por ti;
sê cauto e zeloso a quem te faz feliz;
sê fiel aos amores que o peito proclama.

Acende essa flama ainda que te doa;
doa-te por completo, no amor abalroa;
espalha as lavas que do peito escoa.

Voa alto, ao infinito, sem medo ou medidas;
faz dos bons momentos inesquecíveis dias;
sê grande quão o amor, do tamanho da vida!

Rosa

Pra tí que faço meus versos
remetendo-os aos quatro cantos,
por rotas aonde sopram os ventos.
Pra que tu me tenhas perto
sopro até tí este canto.

Deixo meu peito entreaberto
pra ouvir o teu acalento,
pra cessar o meu tormento,
enxugar todo o meu pranto.

Pra reencontrar todo encanto
irei para qualquer lado
que mande a Rosa dos ventos,
pois imerso na dor me encontro.

Irei até o teu abraço...
Não deixe que eu sofra tanto.
Me quero em teu regaço
pois és Rosa dos meus versos.

ABC - Tríade poética

Carlos Marcos Faustino

Nasceu em 05/09/1950 em Tupã/SP. É bacharel em Direito, Ciências Contábeis e licenciado em Letras; ator e poeta; membro fundador da ATLECA (Academia Tupaense de Letras, Ciências e Artes); Membro Honorário da Litterária Academiae Lima Barreto - Rio de Janeiro.

Livros:

2014 - INTERPOÉTICA - Editora Bigtime

2015 - SEMENTES - PerSe Editora/

-Antologias;- Beco dos Poetas, Mágico de Oz, Confraria de Autores, Celeiro dos Escritores, CBJE - Camara Brasileira de Jovens Escritores - RJ, Antologia do Premio Nacional de Artes- Tupã e Antologia Premio Galinha Pulando.

-Blogs: (<http://faustinopoeta.blogspot.com.br/>) e <http://gavetadepoesias.blogspot.com.br/>).

Alforria

Desperto às seis da manhã
No afã de viver mais um dia,
Complexa esta minha alforria,
Esse viver sem tempero,
Onde tudo tem seu preço,
A vida segue no avesso,
Sem rédeas, sem calma-ria.

Os grilhões nos acometem,
A voz morre na garganta,
No peito, coração sangra,
Viver, arte impossível,
A miséria se faz visível,
Visão de morte se estampa.

21/07/2014 - segunda-feira - 12h49

ABC - Tríade poética

Algemas

No branco do papel mergulhei o meu olhar,
Fui navegar no mais distante da imaginação,
Mesmo vagando zozno, todos os meus sentidos,
Docemente foram abstraídos pelo colorido das imagens.

Nem tomei tento se voltar desta viagem poderia,
Era um momento de completa entrega, doce agonia,
Nem era noite, nem era dia, que importa o tempo,
Buscar novas paragens, novas mensagens pra estampar em
poesia.

Só um zumbido foi o sinal, fui atraído, de um bem-estar envolvido,
Como se fora leve tal qual uma pena, flutuei por poucos
segundos apenas,
Mas que parecia todo o tempo do mundo, mesmo tendo
adormecido,
Hora de voltar às algemas, despertar, pra relaxar, fazer poemas.

09/11/2013 - sábado - 23h39

Amar é isso

Amar é isso
É um querer imenso
É ter você em tudo que penso
Nas diversões, nos compromissos
Nos prazeres, nos vícios
Em tudo que me rodeia
No sol do meio dia, na lua cheia
Nos sonhos que a noite vem
Faz-me feliz como ninguém
É o meu coração incendeia.

13/03/2015 - sexta-feira - 00h36

Amanhã é domingo

Amanhã é domingo
Se o sol vir sorrindo
A gente levanta
Éstica, espreguiça
E segue pra vida.

Pra que ficar triste
Se acaso houver chuva
E chegar saudades
Chuva não tem culpa
É só uma desculpa.

Alegria! Sorria!
Amanhã é domingo
Escancare a porta
E deixe que o sol
Ilumine o teu sorriso
Ou deixe que a chuva
Ao descer no teu rosto
Transborde tua alma
De felicidades.

Amargura

A dor cavalga silenciosa e pura,
Mesclada a risos e lágrimas, loucura!
Algo de muito nobre, um doce sentimento,
Raro momento que afinal explode:
“Gritos e sussurros, no amor tudo pode”,
Um alento que o vento espalha e devagar morre,
Rio caudaloso esse, vida, prazer, sofrimento,
A palavra final: mude o seu dia, Sorria!

28/01/2014 - terça-feira - 13h15

ABC - Tríade poética

Amigos

Amigos são pérolas que com o passar do tempo,
Guardados no peito, se eternizam,
Amigos são versos que juntos formam uma poesia,
São tesouros que olhamos todo dia,
Quando nos procuram, nos dão alegrias.

Amigos são caminhos, que trilhamos pelos dias,
São inesgotáveis fontes de energia,
São luzes que descem afora dos montes,
Iluminam os nossos passos incertos,
Amigos são nossos guias.

Amigos são nossos protetores,
Nosso aconchego, quando lágrimas caem,
Quando os sonhos não mais existem,
Amigos são por certo, os melhores amigos,
Os irmãos que por nós foram escolhidos.

15/10/2012 - segunda-feira - 17h41

Amor de mãe

A mãe quando parte e deixa o filho em tenra idade,
Leva no peito um dor cortante, profunda saudade,
Segue o caminho da eternidade em prantos,
Um amor de mãe, não se encontra em qualquer canto.

Então aquela imagem fica escondida no coração do filho,
Adormecida talvez pelo tempo de sua viagem,
Até quando o trem da vida marcar a passagem,
Pro encontro numa estação qualquer ou no final dos trilhos.

Daí certamente não haverá mais nenhum empecilho,
Pra esse amor separado e sofrido na distância,
Os seus corações hão de bater em consonância,
E as luzes de suas almas terão mais brilho.

06/07/2014 - sábado - 00h39

Amor infinito

O meu amor existe,
É de carne, osso, presença, espírito,
Não é apenas verso, nem verbo
Num tempo impreciso.
É passado, é presente, é futuro,
É feito em trilha sonora,
É aquela velha canção que ouço agora,
É esse acelerar do coração que me vê ir embora.

O meu amor existe enquanto eu existo,
Deixá-lo-ei nos confins da minha memória,
Pra que seja por mim lembrado,
Quando tudo já estiver terminado,
Pra quando o corpo estiver sem vida,
Pra quando a alma que nele habita,
Estiver em busca de outras moradas,
Através do infinito, em suas estradas.

Amor menino

Vieste a mim através dos caminhos
Quando ainda te encontrar nem sonhava
Surgiste em meus brinquedos de menino
Feito uma nínfa, uma deusa, uma fada.

E em meus castelos te fiz rainha
E de muito amor te fiz coroada
Foste a musa que meus versos continha
E do meu jardim a flor mais amada.

Mas nem sempre a vida é só primavera
Vão-se as flores através do verão
O inverno chega e logo impera,

E daquele amor menino, escondido
Guardado no fundo do coração
Levarei sempre a saudade comigo.

24/09/2015 - quinta-feira - 15h02

Andanças no passado

Terno de linho branco,
Sorriso terno nos lábios
Através do domingo
Passeio em planos passados
Vestido tal qual meu pai
Em mocidade
Pelas ruas da cidade
Entre suspiros e olhares
Disparando corações
Das mocinhas sonhadoras
Em janelas debruçadas
Esperando serenatas
Flores, chamegos, quem sabe
Um brejeiro galanteio
Um bilhete bem escrito
E um possível compromisso
Mas minha mãe passou de leve
E meu pai extasiado
Logo, logo pela morena
Ficou muito apaixonado
Isso tudo está escrito
Nas histórias que visito
Nas andanças do passado

30/11/2014 - domingo - 12h11

Aniversário

E foram se achegando os amigos,
O dia chegará primeiro antes até mesmo do sol,
E foi assim o dia inteiro, frases, poesia, desejos,
E tanto carinho que veio inundado de abraço,
Um dia todo, especial, recados no celular, e-mails.

Um telefonema de um amigo distante
Um misto de alegria e saudade,
Amigos de infância, de juventude,
E um pequeno vazio da ausência de quem não veio,
Um ano que se conquista, um passo pro horizonte que se avista.

À noite, uma mesa de mar, família, cerveja,
Um brinde a todos os presentes, a todos os ausentes,
A todos os amigos distantes, aos filhos,
À meia noite, despedida, recomeço,
Seguindo escrevendo a história nos anais da vida.

06/09/2013 - sexta-feira - 00h56

ABC - Tríade poética

Anjos ou vaga-lumes

Afasta a ira, planta a paciência,
Colhe os frutos depois que plantar sorrisos,
Cospe fora o que te oprime por dentro,
Quebra a casca que envolve o teu eu bendito,
Seja mais irmão, mais amigo!

Deixa que teus passos desenhem luz nos rastros,
E tal qual vaga-lume em noite escura,
Seja também um astro ou o belo clarão da lua,
Pra que qualquer caminhante encontre o rumo que procura.

E tal qual anjo guardião protetor do seu rebanho,
Livre de vestes mortais envolve em angelicais cânticos,
As dores, os aís, os prantos, pra os transformar em louvores,
Em gratidão a Deus por habitar novamente teus sonhos.

27/11/2013 - quarta-feira - 16h20

Aos pedaços

Duras são tuas palavras
Pra um coração angustiado
A realidade machuca
Bom mesmo é viver alienado.

Viver numa eterna busca
Num voo entrecortado
A vida se rompe, ofusca
E desfaz-se em mil pedaços

Quem há de querer os cacos
Pra que servem os sobejos
Deixemo-los ali jogados

Precisamos de espelhos
Que nos mostrem por inteiro
E não de vidros quebrados.

04/06/2015 - quinta-feira - 15h35

ABC - Tríade poética

Apocalipse

O rio Eufrates está secando, os ventos solares assolam a
Terra,
Bolas de fogo, incandescentes cortam o céu, muitos
avistamentos,
OVNIS nos espreitam, governos constroem abrigos
subterrâneos,
E tudo há de ser instantâneo,
O mal em quase toda a humanidade impera,
Filhos contra pais, crianças abusadas, pedofilia,
A morte como abutre ronda
Famílias se destroem, o dinheiro escraviza e quem detém o poder,
extrapola,
Meteoros, tsunamis, vulcões, terremotos, tempestades,
A terra chora o final dos tempos, a humanidade está indo
embora.

21/10/2013 - segunda-feira - 20h37

Apocalípticos sons

La vem os cavalos alados,
Entre nuvens de algodão,
Descarregando no chão,
Com raios abençoados,
Pães pra tudo quanto é lado,
Acalmai os vossos clamores,
Erguei oh! Gentes louvores,
Chegou socorro dos céus,
É jogado em nós o véu,
Pra acabar com as nossas dores.

La vem os cavalos alados
Ao som de um coral de anjos,
Entoando em mil arranjos,
Canções pros apaixonados
Trazendo aos desventurados,
O que ao coração apraz,
Desprezando o que é fugaz,
Apocalípticos sons,
Diversidade de dons,
É um sentimento de paz.

02/08/2014 - sábado - 23h26

ABC - Tríade poética

Apreço

Dor que tange a alma

Quando se busca

E não se encontra

Quando se diz

E não te dão ouvidos

Quando nada mais

Parece ter sentido.

Sabes somente a tua sentença

Não tens o apreço

Mas têm no coração as algemas

E na cabeça o peso da pena

Um aperto no peito

Nem há como fazer a defesa

Nem de que se defender

A pergunta é só uma

Por quê? Por quê? Por quê?

20/05/2015 - quarta-feira - 23h54

Aquieta-te

Aquieta-te

Pensamentos nem sempre rendem versos
Versos nem sempre estão nos pensamentos
Fluem às vezes do nada, do universo
E te acometem sentimentos que nem sempre sentes

Aquieta-te

Deixa que venham como são sussurrados
Que falem de amor, dor, ou outros conceitos
Não procures neles alguns reflexos
Não os tornem comuns, deixe-os complexos

Aquieta-te

Mantém-te silencioso e conectado
Inspira, expira lento com todo cuidado
E assim, leve por dentro, iluminado
Estarás pronto pra transmitir teu recado.

17/05/2015- domingo- 22h44

ABC - Tríade poética

Arranha céu

De tijolo em tijolo, como se fora numa construção,
As emoções ao longo da vida, andar por andar, são
Minha primeira paixão, aí meus sonhos de criança
Quão doces e quão inocentes nestas primeiras andanças.

Da inspiração os versos nos anos que se passaram,
Foram todos acoplados em várias canções, retratos,
E a cada andar que a vida me concedia, chorava, sorria,
Driblava tristezas pra que fossem felizes meus dias.

E agora onde me encontro, pra ida, já quase pronto,
Neste arranha céu construído por todos meus anos vividos,
Confesso eu tenho receio deste lugar tão desconhecido,

Deste lugar que por mim foi tantas vezes sonhado,
E nos meus devaneios havia luz por ali, havia muita paz,
Não devo ter medo ou receio, de voltar serei capaz.

05/01/2013 - sábado - 00h56

Arredores

Nos meus arredores, flores,
Repletas nos meus jardins,
E nos versos dos meus sessenta,
Uma poesia que só fale de mim.

Nas veias, tudo tão concreto,
Abstrato sentimento,
Pulsa, sacode o sangue,
Ignoro e por isso veto.

Emoção contida segue,
No frio raciocínio breve,
Explode a artéria e sangra,
E cala em seguida a matéria.

O dia amanhece e morre,
Toda noite alguém desfalece,
Na balada dos seus sessenta,
Toda noite a vida escorre,
Quem pode aguentar, aguenta,
Quem não pode, segue, se contenta.

E nos arredores murcham flores,
Do Céu chuva ou sol no cimento
E nas tardes frias, vento, muito vento.
É assim que se passa o nosso o breve tempo.

As borboletas azuis

As borboletas azuis,
Do jardim de nossa casa,
Como todos os ideais
Foram-se pra nunca mais.

Aquele riso bonito,
Aqueles antigos planos,
Voaram pro infinito,
Cresci, findou-se meu sonho.

Teus olhos, no tempo eu perdi,
Teu riso, no tempo esqueci,
A vida levou-te embora,
Caminhos diversos vivi.

E após tantos anos distante,
As borboletas azuis,
Revivem nas minhas lembranças,
Nas flores daquele jardim,
Que ainda estão plantadas,
Nas minhas saudades caladas,
Do meu tempo de criança.

08/06/2013 - sábado - 00h22

As pipas

Da minha janela, uma pipa a mercê do vento,
Bailava, descia, subia, contente,
Meus olhos a seguiam, enquanto voava,
E os meus pensamentos pairavam no tempo.

A pipa cai é por falta de vento?
Então porque outra pipa do alto,
Bem alto tranquila a contempla.

Qual pipa ao relento, desgovernado,
É que me sinto em momentos de ventos parados,
E caio dançando aos poucos no espaço,
E morro aos poucos desesperançado.

As pipas sobem e descem em mágica harmonia,
E nós ao descermos, o que nos falta é alegria,
As pipas são manipuladas pelas mãos dos meninos,
E nós manipulados pelas mãos do destino.

04/01/2010 - segunda-feira - 12h10

ABC - Tríade poética

Aves de verão

Como aves de verão,
As pessoas vêm e vão,
Mas se caíu também na corrente,
Quando volto tudo se torna tão diferente.

Já não é o mesmo chão,
Não recebo o mesmo abraço,
Quando de volta nos meus passos,
Asas cansadas, calado,
Tudo que faço é em vão.

Daí alço um voo da janela,
Vou e volto através dela,
Feito menino assustado,
Quando perde o materno regaço.

Através destas viagens,
Esquecidas noite adentro,
Nem sempre dela trazemos,
As emoções mais agradáveis.

03/10/2015 - sábado - 13h01

Baile das fadas

Saci foi ao baile das fadas,
Jara o viu e ficou apaixonada,
Logo, a rainha das águas,
Que dançava com o lobisomem,
Disse que estava enjoada,
A música a deixara cansada,
Apenas um belo pretexto,
Uma desculpa esfarrapada.

A canção parou de repente,
Terminada a seleção,
Uma linda e bela valsa,
Propagou-se no salão.

A Jara extasiada,
Volveu os olhos pro saci,
Como a dizer:
Vamos dançar, estou aqui.

Ele veio, tomou-lhe a mão,
Olhos nos olhos,
Valsaram acima do chão,
Numa leveza delirante,
Feito bolhas de sabão.

ABC - Tríade poética

Quem não gostava da cena,
Era a cuca que enciumada,
Queria descer do salto,
E botar logo pra baixo,
O lindo baile das fadas.

Bumba meu boi exigiu,
Uma dança mais ritmada,
Carimbo, forró, capoeira,
Frevo, caiapó, a noite inteira,
Numa mistura danada.

O saci tanto pulava,
Que deixou tonta a bela Jara,
A cuca aproveitou a deixa,
E cortou toda a madeixa,
Da bela rainha das águas.

Meia noite,
Vieram mil pirilampas,
Corujas de todo canto,
Pra anunciar numa algazarra,
O recital das cigarras.

Madrugada,
Festa quase acabada,
Mula sem cabeça e boitatá,
Fazem uma triunfal entrada,

As fadas que toda a noite,
Ficaram num canto amuadas,
Resolveram por um fim,
Naquela grande furada,
Varinha mágica, pirlim pím pím,
Abracadabra,
Rotina na selva retomada.

Cada qual no seu canto,
Cada qual no seu lugar,
O saci correu pras matas,
Jara voltou pras águas.

O resto dos convidados,
Voltaram a ficar encantados,
Nas histórias, lendas, mitos,
Nas páginas de muitos livros,
Pra quem quiser encontrá-los.

12/08/2015 - quarta-feira - 22h10

ABC - Tríade poética

Cálice

Explode um turbilhão que explode e vaza,
Escorre, varre tudo feito lava de vulcão,
Nem uma viva alma do caminho se salva,
Nem sonhos, nem desejos ou ilusões.

O corpo cai, depois derruba a essência fora,
Que despojada, leve, novos rumos seguem,
O cálice que em vida mostrou-se forte,
Quedou-se e num descuido veio a morte.

O tempo que norteia a existência,
Que tem dia, que tem hora demarcada,
Pode mudar o rumo de nossas águas,

A vida quase sempre é ceifada,
Às vezes por nossa total incompetência,
Em não saber lidar com nossas mágoas.

12/11/2013 - terça-feira - 10h48

Chuvisco

La fora, chuvisco,
Abro a porta, insisto,
Arrisco uma saída,
Jogo meu olhar pela avenida,
Como se fosse um rio,
Eu como se fosse um barco,
Através dos carros,
Ponho-me ao largo.

E vou navegando,
Meu pequeno barquinho,
Encharcado,
Aos poucos por entre os carros,
Vai sendo dilacerado,
Vem o vento, tempestade,
Crucial calamidade,
Aos poucos me desfaço.

Parecia nada, muito pouco,
Boca de lobo, cachoeira,
Rio despenca rua inteira,
Um chuvisco bobo.

05/07/2015 – domingo – 22h56

ABC - Tríade poética

Cinzas e chuva

Cinzas e chuva
Bênçãos unidas
Pra quem em três dias
Perdeu momentos de vida,

Drogas e bebedeira
Mil prazeres
Insensatez costumeira
Dos dias de carnaval.

Cinzas pra alma
Chuva pro corpo e pras ruas
Pra apagar cenas e orgias
Pessoas seminuas.

A folia está indo embora
Enxurrada desce
Rola, tudo leva
A vida a rotina retoma
Ilusão de três dias
E agora?

18/02/2015 - quarta-feira - 14h59

Doce recanto

Vai chover estrelas,
Disparando-se no céu pela madrugada adentro,
Quantos desejos poderiam expressar pra cada queda,
Debruçados na janela, o meu eu e o seu avesso,
Com o olhar imerso acompanhando cada trajeto.

Vai chover estrelas,
Talvez estejam mudando de morada e num adeus,
Desapareçam em qualquer lugar dos céus,
Talvez pra um paraíso onde as angústias do mundo se acalmam,
“Um doce recanto onde vivem as almas.”

06/05/2014 – terça-feira – 13h22

ABC - Tríade poética

Luz

Apague a tua luz se quiser,
A minha inda vou manter acesa,
Ajanela de cara pra lua,
E escritos nos papéis da mesa.

Apague a tua luz se quiser,
Escreva algo se te aprover,
Rasgue talvez, como sempre faço,
Ou simplesmente se é em papel, amasso.

Talvez a penumbra melhor inspire,
Mas tua luz interior, espero que transpire,
Também já escrevi nas madrugadas,
Quando lá de fora não se ouvia nada,
Apenas a sinfonia dos grilos.

Apague a tua luz se quiser,
A minha vou deixar acesa,
Pode ser que um dia ela se apague,
Dizem que quando as almas partem
Viram estrelas.

27/07/2014 - domingo - O1h01

Luminosidade

Ao meu redor quero a alegria,
Aquelel mesma que o meu riso mostra,
Aquelel que busco lá nos meus confins,
Pra desenhar pra quem olhar pra mim,
Um pouco de luz e energia.

Mesmo que o riso tarde um pouco,
Não custa nada deixar um esboço,
Que traga luminosidade,
Por mais que a dor te habite,
Sorrir pra não ser mais triste,
É receita de longevidade.

18/09/2015 - sexta-feira - 17h42

ABC - Tríade poética

Mágica

De dentro do meu peito vem, aflora,
Uma dor infinda que aos poucos me devora,
E eu que então quisera mostrar o meu riso,
Pra te aconchegar com muita paz de espírito,
Apenas transparecer mágoa é o que consigo.

Então me mostre por atos e palavras
Que mesmo que na noite seja tempestade
Quando o sol noutro dia renasce
O vento cessa, a chuva vai-se, o bem floresce,
E faz-se a mágica, a vida traz de volta o riso à face.

08/11/2011 - quarta-feira - 23h05

Melodía

Tão doce canção me enleva,
Sou assim, lançado de mim,
Divago em planos, Querubins,
Anjos ladeiam-me, adeus trevas,
Reflexos do céu me atravessam,
Do mundo real transportado,
Instantes mil, privilegiado,
Minha alma é só melodia,
Que vai explodir-se em poesia,
Tornando-me um ser renovado.

11/04/2014 – sexta-feira - 12h37m

ABC - Tríade poética

Meu violão

Meu violão me acena aqui do lado,
E em mim renasce uma vontade imensa,
Fazer um verso, soltar a voz numa cantiga,
Falar das coisas belas da vida,
Guardadas feito doces retratos,
Num cantinho bem aconchegado,
Enquanto o coração ainda aguenta.

Das primaveras todas as flores colhidas,
Infância, juventude, mil páginas vividas,
Minha mãe, meu pai, todos os meus amores,
Folgedos, brinquedos, muitos esplendores,
Todos os meus passos em multicores caminhos,
E afetos de amigos, eu nunca estive sozinho.

E mesmo calado este violão antigo,
Sabe de cada canção que em meu coração reside,
Cada uma delas é uma trilha sonora,
Prova incontestável que a emoção existe,
E que a vida é um grande deserto,
Se não houver um “oásis” musical por perto.

04/10/2015 - domingo - 22h14

Minha terra

Minha terra, meu tesouro,
Quanta beleza encerra,
Um sol do brilho de ouro,
Muito amor, nenhuma guerra.

Um céu mesclado de anil,
Com nuvens de algodão,
Um céu de estrelas mil,
Nas nossas noites de verão.

O mar banhando as praías,
As ondas beijando a areia,
Muitas conchas que desmaíam,
Nos braços de muitas sereias.

Nossas fulgurantes matas,
Muito verde, muitas flores,
Rios, riachos muitas águas,
Meu Deus, quantos esplendores.

13/04/2015 - segunda-feira - 23h21

ABC - Tríade poética

Meu Legado

Juntem a minhas roupas, os meus sapatos,
Não se esqueçam dos casacos, shorts, meias,
E doem tudo aos mais necessitados,
Esvaziem as minhas gavetas, joguem tudo num saco,
Cuecas, lenços e outros guardados.

Meus álbuns de fotografias,
Certamente serão descartados,
Os meus CDs dos Beatles, do Roberto,
E os demais que me embalaram por anos,
Deixo pra quem goste de bom grado.

As minhas poesias, aquelas todas antologias,
E outras dispersas, deixem-nas espalhadas
Ao longo das avenidas, quem sabe inda serão lidas,
Antes de pelo vento ser levadas
Antes que de mim nem mais se tenha notícias esparsas

Dos meus verdadeiros amigos, levo uma grande saudade,
Os meus amores levo na alma como perfumadas flores
Num aconchego que acalma, pra quando vier vontade,
Uma louca vontade dum beijo, dum afago, dum abraço.

Deixo-lhes a minha memória, uma vida sem muitas histórias,
Mas com muito amor eterno este meu legado.

Meus medos

Meu coração não bate, dispara no peito,
Acho que é o jeito de extravasar as magoas,
Vou romper com todas as dores, colocar flores nos caminhos,
Pois por todo o tempo que andei sozinho,
Acumulei medos que por chegarem tão cedo,
Foram tomando espaço, cantinho a cantinho,
Até explodirem entremeio ao pulsar de minhas veias,
Veio que veio, um a um tomando conta, envolvendo-me em suas
teias,
E sorrindo, vou ser feliz do meu jeito, mandar o medo embora,
Antes que o tempo passe, que a vida acabe,
Antes que o sonho perca a o brilho e se transforme em
pesadelos.

23/02/2014 - domingo - 00h36

ABC - Tríade poética

Nau errante

Vasculhei mundos e fundos,
Cada espaço, cada canto,
Cada olhar repleto de encanto,
Doce, completo, profundo.

Quando te vi, entretanto,
Bateu forte, pulsou muito,
Meu coração navegante,
Ancorou e chegou junto.

Amarrou-se em tí um tanto,
Querendo-te a todo instante,
Nem imaginas o quanto,

Sofreu por ficar distante,
Atirou-se num mar de pranto,
E se tornou uma nau errante.

1706/2015 - quarta-feira - 15h41

Navegante

Neste mar aos poucos

Segue minha nau

Ora em tempestade

Ora em calma

Assim é que morro aos poucos

Assim são absorvidos meus dias

Navegante,

Volto pro nada ou pro tudo,

Do nada ou tudo que aqui sou,

Conflitante,

Quase não muda o panorama,

Existe-se em quanto se é amado,

Existe-se enquanto se ama.

A chama acesa,

No decorrer do tempo se apaga,

Vão-se os afetos,

Fica no espaço o vazio de seus gestos,

A dor da saudade.

29/06/2015 - segunda-feira - 00h39

Nos braços da noite

Vou pros braços do meu sono,
Coração apertado,
Mais uma longa viagem,
Pra sonhar o que nem planejo,
Ir por lugares que nem sempre conheço;

Rever amigos distantes,
Talvez até em outros planos,
Sentir calor dos abraços,
De minha mãe, do meu pai,
Despertar sorridente, cansado,
Ou nem querer voltar,
Ou abrir os olhos.

Vou pros braços da noite,
Já comprei todas as passagens,
Só não sei ainda o ponto final,
Onde é que vai me levar esta viagem.

25/09/2014 - quinta-feira - 23h45

Paralelos

Divaguei pelo meu vocabulário dos meus sessenta e algo mais,
O que me apraz é que se nada sei, também nunca fui súdito ou
rei,

Sempre intermediário, um pé no asfalto, outro pronto pra um
salto,

Um riso aberto, a mão em figa, torcida pra melhoria de vida.

Olhar pro futuro, de olho no passado, o que foi certo ou errado,

O joio e o trigo devidamente definido, rascunho passado a limpo,

Nem louros, nem derrotas, o céu pode ser o único que limita,

As mãos de Deus me sustentam e uma voz interior me diz: Não
desista.

03/10/2013 - quinta-feira - 12h04

ABC - Tríade poética

O Portal

Porta entreaberta, alma desperta,
Na noite escura, não fosse a lua,
Descer faceira e adentrar pela janela,
Cordão de Prata que me liga ao corpo,
Seria o único brilho a refletir naquele espaço.

Ninguém no quarto que adentrasse,
Jamais poderia vê-lo, tocá-lo,
Seguro volitei até o teto,
La embaixo, descoberto, sereno,
Eu parecia apenas um pequeno objeto.

Mas seguí viagem, atravessei o telhado,
E do outro lado, que maravilhosa paisagem,
Nuvens brancas, mas tantas, mas tantas,
E uma celestial melodia, "Danúbio Azul",
A valsa de Strauss, como trilha sonora,
Das minhas muitas cambalhotas, numa dança magistral,
"Aquele que só eu conheço",
Tudo em câmera lenta, e assim eu ascendia,
-Ah! Meu Deus, acabaram-se os meus dias?
Perguntei-me num momento em que botei meu pensamento.
Lá em baixo nos meus filhos,
Foi fatal, num sobressalto, despertei aflito.

Sereia

Desagua neste mar as tuas águas
Semeia neste céu tuas estrelas
E vem abraçada pelas ondas
Escrever teus versos na areia.

Afaga-me envolto em tuas madeixas
Traga-me o riso, leva-me as queixas
Depois dancemos a mais bela cantiga
Embalados nos sussurros duma brisa

19/08/2015- quinta - feira -00h36

ABC - Tríade poética

Resta-me um tempo

Resta-me um tempo, inda me resta,
Todo um tempo pra dispor meu riso,
Viver embriagado nesta festa,
Enquanto outro tempo já me é previsto.

Toda partida leva no bolso uma chegada,
A gente vai, mas pode voltar numa visita,
Poís o afeto que nesta vida se conquista,
Pra sempre em nossos corações faz morada.

Cada momento teu, faça-o único,
Não o desperdice em atitudes erradas,
Tenha simplicidade nos teus rumos,
Deixe só fluir o amor em tuas palavras.

27/10/2015 - terça-feira - 09h56

“ Muítoas poetas crescem para dentro, numa ímplosão da alma, como nítróglicerína cálida do pranto em autocombustão. E, por sua vez, na aura o brilho eclode num parto; expõem-se o filho, o fio e o farto, num alto salto muito além da concepção.”

André Anlub

Posfácio (por Rossana Fonseca)

Não sou de grandes paixões, nem de eternos amores, porque o sentimento me inspira a revelação do que mais tento esconder, eu mesma. Mas até onde posso ir nas minhas lembranças, fui, desde sempre, apaixonada pelos versos, prosas e rimas, pela poesia. Acho que fui embalada pelos poemas de JG de Araújo Jorge, e justifiquei minha rebeldia adolescente com os sonetos de Augusto dos Anjos. Mas, apesar de amar os homens poetas, minha essência feminista sempre me fez pensar que os sentimentos são sentidos de forma diferente pelos gêneros masculino e feminino. Agora, mergulhada nesse mar revolto das paixões másculas de André, Beto e Carlos, me afoguei na contradição “Victor Huguiana” do Homem/mulher, do forte/sensível e da razão/lágrimas. E quando diz: “Nada teria sentido se, em mim, não coubesse o amor”; e revela: “Este poeta de amor sofria”; e na confissão do amor que “É ter você em tudo que penso”, me rendo. E me encanto com a sensibilidade dos versos e histórias que li na Tríade Poética, onde os três comovem pelas lágrimas choradas, pelos martírios e saudades, pelo canto, pelo voo, pelo pensamento e sonho. Sem distinção de sexo, sem medição do amor, por todo sofrimento e esperança que o escritor francês separou, mas que aqui se faz em um só ser, elevado e sublime, chamado poesia. Entreguei-me ao amor dos anjos assexuados, à pureza da inspiração da alma e aos versos que achei ser para mim.

Quero mais!

